

O CALÇADÃO DA CARDOSO VIEIRA, SEUS PERSONAGENS E SUJEITOS URBANOS:

UMA LEITURA DOS USOS E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM CAMPINA GRANDE (PB)



Maria Jackeline Feitosa Carvalho
Patrícia Daniely Marques Cavalcante Santos



Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Antonio Guedes Rangel Junior | *Reitor*

Prof. Flávio Romero Guimarães | *Vice-Reitor*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Luciano do Nascimento Silva | *Diretor*

Antonio Roberto Faustino da Costa | *Diretor-Adjunto*

Conselho Editorial

Presidente

Luciano do Nascimento Silva

Conselho Científico

Alberto Soares Melo

Cidoval Moraes de Sousa

Hermes Magalhães Tavares

José Esteban Castro

José Etham de Lucena Barbosa

José Tavares de Sousa

Marcionila Fernandes

Olival Freire Jr

Roberto Mauro Cortez Motta



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

**Maria Jackeline Feitosa Carvalho
Patrícia Daniely Marques Cavalcante Santos**

**O CALÇADÃO DA CARDOSO VIEIRA,
SEUS PERSONAGENS E SUJEITOS URBANOS:**

*UMA LEITURA DOS USOS E APROPRIAÇÃO DO
ESPAÇO PÚBLICO EM CAMPINA GRANDE (PB)*



Campina Grande - PB

2018

Copyright © EDUEPB

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A EDUEPB segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil, desde 2009.

Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Luciano do Nascimento Silva | **Diretor**

Antonio Roberto Faustino da Costa | **Assistente editorial**

Cidoval Moraes de Sousa | **Assistente editorial**

Design Gráfico

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima Araujo Nunes

Leonardo Ramos Araujo

Comercialização e distribuição

Danielle Correia Gomes

Layse Ingrid Batista Belo

Divulgação

Zoraide Barbosa de Oliveira Pereira

Revisão Linguística

Antônio de Brito Freire

Elizete Amaral de Medeiros

Normalização Técnica

Jane Pompilo dos Santos

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB

C331c

Carvalho, Maria Jackeline Feitosa.

O calçadão da Cardoso Vieira, seus personagens e sujeitos urbanos: uma leitura dos usos e apropriação do espaço público em Campina Grande (PB) [Livro eletrônico]/ Maria Jackeline Feitosa Carvalho, Patrícia Daniely Marques Cavalcante (autoras). - Campina Grande: EDUEPB, 2018. 6.623Kb. - 92p.

Modo de acesso: Word Wide Web eduepb.uepb.edu.br/e-books

ISBN ISBN: 978-85-7879-483-5

1. História. 2. Campina Grande/PB. 3. Espaço público. I. Título.

21. ed. **CDD 981**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 7

CAPÍTULO 1

A PERSPECTIVA DO ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE, 13

CAPÍTULO 2 :

PERCURSO METODOLÓGICO, 31

CAPÍTULO 3

O CALÇADÃO COMO LUGAR DE DISPUTAS E TERRITÓRIOS, 41

CONSIDERAÇÕES, 81

REFERÊNCIAS, 85

INTRODUÇÃO

A PRESENTE OBRA VISA APRESENTAR E SOCIALIZAR PESQUISA DESENVOLVIDA ao âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica(PIBIC) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) /CNPq que teve por objetivos, primeiro, analisar como o Calçadão se constitui em espaço público e, segundo, perceber de que maneira o uso deste espaço explica as transformações recentes do centro de Campina Grande. Nesse sentido, a referida proposta de pesquisa problematizou os contrausos (CERTEAU, 1994; 1996) existentes no Calçadão, onde a presença de determinados usuários e praticantes põe sob questionamento um conflito de uso neste território.

Seja pela imagem pública que tem por referência a memória institucionalizada do comércio mais tradicional de Campina Grande; à luz do seu modo de estar na dinâmica tempo-espaço de cidade contemporânea, ou ainda por se vincular às marcas da configuração do espaço público, sempre excludente, nas cidades brasileiras.

É como espaço de convergência, de parcela significativa dos habitantes da cidade e de metáfora da sua sociabilidade, que *o Calçadão* remete às operações de “desvios” na espacialidade do centro principal de Campina Grande. Práticas que terminam em abrir brechas, estabelecer um lugar de vivências e em recondução a favor do uso ordinário que nele se elabora (CERTEAU, 1996).

Pois no espaço do Calçadão se inscrevem o discurso do ambulante, do comércio, da política, dos intelectuais, artistas ou de práticas ilícitas - tais como: tráfico, roubo e prostituição- e de simples transeuntes. Todos, percursos de uma tensão entre os pólos da “ordem” oficial e de

práticas de resistência da rua. Lugar nomeado, campo de forças que possibilita pensar este espaço pela categoria sociológica da ação pública, da rua enquanto agente.

Ao metaforizar a imagem de Campina Grande pelos usos e vivências neste espaço, o Calçadão assume a relevância jamais ocupada no contexto da cidade, como espaço econômico e social mais ativo. Espaço público mais significativo da cidade, de onde os usos e as relações nele praticadas se tornam mais propícios a tensões, nos permite formular a ideia de que o Calçadão, paradoxalmente, já nasce em conflito com os usos da rua. Visto o modo como os campinenses interpretam o Calçadão, seus personagens e sujeitos urbanos, por significados e formas que distinguem, ocupam, usam, projetam e distribuem diferentes lugares instaurados sobre a cidade em seu espaço público. O Calçadão se configura como um lugar bastante peculiar no imaginário de Campina Grande e pode ser interpretado como território de diferentes itinerâncias e modos de vida na cidade e, portanto, de relevante contribuição à análise sociológica dada a diversidade de práticas que caracterizam o cotidiano deste logradouro como seu principal espaço público.

A pesquisa está diretamente vinculada à relevância de verificarmos o conflito existente no Calçadão entre ambulantes e poder público municipal, ao descrever lugares, sujeitos, táticas, estratégias, tempos e acontecimentos significativos aos modos como ambos percebem o Calçadão. Espaço inicialmente projetado ao lazer que, em particular, passa a ser reapropriado ao uso de atividades econômicas dadas pelos contrausos² de seus frequentadores e usuários (CERTEAU, 1994).

A relevância da pesquisa encontra-se assim aliada às mudanças urbanas sofridas pelo centro de Campina Grande, a partir dos anos 1970,

- 1 1 Exemplo disso foi polêmica criada, à época de sua construção, sobre a necessidade, ou não, deste Calçadão. Executado em apenas 03 meses, a ideia de sua construção, de acordo com alguns relatos, surgiu a partir de uma visita realizada pelo então Prefeito (Evaldo Cruz) à cidade de Curitiba - PR.
- 2 Cabe observar o insucesso das tentativas, postas pelo poder público e comerciantes formais desde os anos 1980, em subtrair a “informalidade” e os ilegalismos deste espaço em recorrência a um discurso segundo o qual, tal medida, “consensualmente” equacionaria o problema dos ambulantes e sua prática econômica no centro de Campina.

que conduzem às intervenções que criam e definem o uso de determinados equipamentos, todos localizados no centro, para se produzir uma imagem de Campina Grande por novas paisagens: construção de equipamentos de lazer, arquitetura mais arrojada e moderna de equipamentos públicos, asfaltamento dos principais acessos ao centro, dentre outras.

Campina Grande, acentuadamente a partir desse período, passa a ser pensada pelo propósito de renovar seus usos, ou mesmo criá-los, de modo a organizar e potencializar seu centro principal. Tudo isso compreendido sob uma imagem dos tipos de usos que deveriam se voltar ao comércio, à diversão e ao turismo. Em conjunto tais usos visavam provocar, aos olhos dos cidadãos ou visitantes, a transformação do centro de Campina Grande pelo afã de revelá-lo moderno.

Começa-se a priorizar, por exemplo, intervenções que visavam preparar o centro dotando-o de toda a infraestrutura necessária, pela imediata requalificação e construção dos seus hoje principais equipamentos e logradouros públicos - Pátio da Estação Velha, Açude Velho e Açude Novo (Parque Evaldo Cruz). Propunha-se projetar a cidade como expressão de lazer, recreação e cultura³, pois, em termos mais gerais, as intervenções na área central irão operar pelo operar pelo intuito de produzir a (re) inserção de Campina sob o ponto de vista simbólico, desejando transformá-la por um processo modernizador.

Esse processo foi fortemente guiado pela linguagem planejadora e técnica do desenho urbano preconizado como embelezamento de onde, sob essa ótica, o centro foi renovado por usos que, em consequência das intervenções neste espaço, tenderam a projetar a cidade priorizando a ocupação de alguns espaços públicos, a exemplo da própria construção do *Calçadão*.

Ou seja, as mudanças ocorridas no centro principal de Campina Grande trazem à tona a hierarquização socioespacial, em torno da qual se dará a tensão entendida pela composição do espaço público da rua e, ao que parece bastante relevante, a reflexão da relação com seu

3 Vide: CAMPINA GRANDE. Prefeitura Municipal de Campina Grande *PDLI- Plano de Urbanização do Pátio da Velha Estação Ferroviária* (Programa de Implantação de Equipamentos de Recreação e Cultura). Campina Grande: COMDECA, 1973.

espaço público. Daí a importância em pensar , a partir das especificidades do Calçadão, os usos dos lugares públicos na experiência urbana recente de Campina Grande. Em parte têm se constituídos pelas disputas, conflitos e contra usos gerados sobre um determinado lugar da cidade e as relações sociais ali expressas – “*O Calçadão*”. Palco privilegiado e representativo das mudanças de sociabilidades da cidade nas últimas quatro décadas, o *Calçadão* pode ser visto como espaço público de resistência urbana e contrausos “onde tudo acontece, ponto de irradiação da cidade⁴”.

Neste sentido as análises presentes nessa Obra pensam o *Calçadão* como um cenário que enquanto espaço físico, aqui percebido enquanto território que permite pensar de que maneira Campina remodela (espacial e discursivamente) a dimensão pública e seu impacto na rua propriamente dita. Deste modo que relações se tecem, neste espaço: as resistências, histórias, movimentos e errâncias que terminam por alterar, pelo conflito, as percepções sobre o espaço público em Campina Grande.

Por essa perspectiva as análises aqui realizadas têm por finalidade observar os contrausos e atividades econômicas desenvolvidas no *Calçadão da Cardoso Vieira*, de modo a entender, em um segundo momento, como se estabelecem as relações sócioespaciais entre comerciantes, ambulantes e transeuntes.

Para tanto, a presente obra foi organizada tomando por base três eixos que organizaram todo o processo de construção da pesquisa em si, a saber: 1) *Estratégias de localização que recorrem os ambulantes*: com a identificação das atividades econômica no *Calçadão*; 2) *A dinâmica do Calçadão*; 3) *A fotografia como estratégia de pesquisa e “negociação” com o campo*.

A recorrência à definição dos três eixos temáticos se deu enquanto estratégia de pesquisa capaz de nos permitir perceber como os usuários desse território (o Calçadão) exercitam a condição de praticantes da cidade que jogam por astúcias, de forma a escaparem à disciplina imposta

4 A esse respeito cf.: CALÇADÃO chega aos 25 anos e se mantém como centro de irradiação. JP, 29 set.2003. (Caderno Cidades - Helda Suene). Ressalvamos aqui o erro de data, presente nesta manchete, visto que a inauguração do Calçadão data de setembro de 1975.

em um espaço a eles sutilmente ou terminantemente negado.

Para tanto é relevante perceber as distintas formas de ocupação do *Calçadão*, com ênfase aos principais usos e termos envolvidos no ponto de vista das imagens projetadas sobre Campina Grande. Assim a pesquisa e a presente obra buscam afirmar que, incorporado na cidade e ao cotidiano de seus habitantes como elemento imprescindível à vivência do espaço público e diversões de populares, este território transgride pela “informalidade”, ilegalismos e contrausos, suas finalidades reservadas oficialmente. Assim, vejamos a discussão que construímos.

CAPÍTULO 1

A PERSPECTIVA DO ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE

FALAR DA TEMÁTICA URBANA HOJE TEM SE TORNADO UMA TAREFA DIFÍCIL, pois as questões que envolvem o seu desvendamento ganham uma maior complexidade. Para tanto, abordaremos inicialmente o conceito de cidade, a perspectiva do espaço público e, nesse ínterim, a conotação da higienização no espaço urbano contemporâneo. Para finalizar, trabalharemos ainda, o recurso da imagem enquanto possibilidade de uma nova leitura do espaço público da cidade.

A IDEIA DE CIDADE

Em termos gerais pode-se afirmar que a ideia de cidade ou urbe está associada a um determinado espaço constituído por uma concentração populacional que se dedica a atividades voltadas a industrialização, possuindo caráter mercantil.

Este espaço especificamente em seu caráter material é tudo aquilo que visualizamos e se encontra constituído por ruas, prédios e praças, onde circulam pessoas e veículos. Porém, tantas vezes, a leitura que se faz da cidade acaba por se restringir ao quadro físico e meio urbano; ao deixar de lado as práticas sócio-espaciais nelas existentes, dessa forma ressalta o discurso do mercado que tende a valorizar o ambiente construído, em detrimento das práticas culturais desenvolvidas neste lócus.

Ou seja, para além dos aspectos físicos, as cidades apresentam uma relação de sociabilidade expressa no cotidiano e na cultura de seus habitantes. Relação essa marcada pela diversidade de diferentes grupos,

conflitos, disputas políticas, econômicas, ideológicas e sociais. O que é interessante de observar é que a “leitura geográfica sobre a cidade” deve partir da ideia da cidade enquanto,

(...) construção humana; produto histórico-social, contexto no qual a cidade aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo de uma série de gerações, a partir da relação da sociedade com a natureza. Expressão e significação da vida humana, a história da cidade revela-a como obra e produto, que se realiza como realidade espacial concreta cujo movimento é produto de um processo histórico cumulativo (...) (CARLOS, 2004, p.19).

A cidade é o local onde há uma relação de sentimento, onde essas pessoas designam a sua moradia, tornando para estas um sentimento de “posse” por estarem vinculadas por vários motivos. Sendo a cidade feita e construída de acordo com as pessoas, e por várias gerações, são estas que criam sua forma e cultura. Nesse sentido, podemos perceber uma dupla dimensão, na leitura que se faz sobre a cidade, conforme mais uma vez ressalta Carlos: “(...) da idéia da cidade, enquanto construção humana; produto histórico- social, contexto no qual a cidade aparece como trabalho materializado, acúmulo ao longo de uma série de gerações, a partir da relação da sociedade com a natureza” (CARLOS, 2004, p.19).

Ao perceber que a cidade não é algo já construído, ao longo tempo e de acordo com a sociedade vivida, naquele momento, pois, a cidade se concretiza de forma materializada. Diante dessa perspectiva percebe-se que o sentido histórico de produção e de reprodução da cidade passa por uma nova leitura, uma nova forma de apropriação desse espaço, pois:

(...) o sentido da cidade é aquele conferido pelo uso, isto é, os modos de apropriação do ser humano para a produção da sua vida (...). É um lugar que se reproduz enquanto referência e, nesse sentido, lugar de

constituição da identidade e da memória, nessa dimensão revelaria a condição do homem e da cidade, enquanto construção e obra (CARLOS, 2004, p.22).

Desse modo somente poderemos pensar a cidade se considerarmos a forma como os cidadãos dela se utilizam, por várias maneiras, como apropriação desse espaço material. Contemporaneamente, se observa um momento da redefinição das cidades (CARVALHO, 2010), pois a globalização, dentre outros fenômenos, posto por uma série de mudanças acerca do lócus urbano e o seu modo de vida e apropriação.

Daí pode-se inferir que a cidade não é apenas o lugar das “construções de concreto”, mas, sobretudo das práticas sociais heterogêneas e dinâmicas, pois as condições históricas nas quais foi criada variam no tempo e no espaço. Como ressaltam Queiroz & Franch (2010, p.31) à noção de apropriação que “(...) nos remete a uma dimensão simbólica, de suas manifestações [a cidade], sem nos prender exclusivamente ao quadro oficial, institucional ou jurídico”.

Portanto, à constatação de uma nova dinâmica na forma de se apropriar da cidade nos obriga, portanto, realizar uma análise mais aprofundada da pluralidade existente nos espaços urbanos, de modo a perceber os diferentes grupos, e de como eles utilizam e se apropriam da cidade. Pois, nesse cenário, também cabe destacar que: “Estamos a viver tempos de ameaças e riscos constantes, em que (des) crever o mundo é um exercício complexo. Não dispomos dos referentes robustos, políticos, culturais, ideológicos que ordenavam a análise e a interpretação do mundo de há décadas atrás” (FORTUNA, 2009, p.83).

As mudanças nos referenciais também têm contribuído para a uma leitura fragmentada do que ocorre na cidade. Pois, face um contexto de grandes transformações no próprio conceito do urbano, as teorias já não dão conta (em moldes clássicos) daquilo que podemos chamar de uma nova urbanidade. É interessante percebermos que a cidade se modificou, mudando-se as formas e principalmente os valores e expressões culturais nela existentes:

É nesse processo que se insere a redefinição da cidade como expressão de ação (...), de reinvenção dos

sentidos da cidade e seus arranjos, quer como representante de um sentido único, enquanto mero cenário de disputas econômicas (global city, cidade-mercadoria), ou de espaço constituído sobre as disputas materiais e simbólicas das ações coletivas, de onde se fundamentam as resistências globais, contra-hegemônica (cidade produtora de sujeitos, cidade democrática) (CARVALHO, 2008, p.151).

Deste modo, alguns estudiosos, a exemplo de Fortuna (2009) e Carlos (2004), chegam inclusive a anunciar uma “crise da cidade”. Fortuna, por exemplo, explica que “o que está a desaparecer realmente não é a cidade em si, mas um determinado modelo histórico de cidade” (2009, p.84). Vários fatores contribuíram para isso, dentre os quais: o aumento da população mundial, em especial a população urbana, o quase esgotamento dos recursos naturais, aumento das expressões da chamada questão social e a contínua queda dos chamados indicadores de qualidade vida nas cidades. E, nesse cenário, também se redefine o próprio espaço público na cidade.

O ESPAÇO PÚBLICO

O espaço público pode ser entendido enquanto espaço da coletividade, espaço comum e aberto onde todos podem usufruir, sendo por isso o oposto do privado. Espaços de convívio, de encontro com o outro, com a alteridade, onde se confrontam diferenças e se explicitam conflitos (FRANCH, 2010).

Sua origem remonta a antiga Grécia que, através das práticas do comércio, cria a necessidade de um espaço físico para que essa atividade possa se desenvolver. Com o tempo este espaço ganha novas funções e características, sobretudo com a substituição da forma de governo oligárquica pela democrática.

Assim desenvolve-se a ágora grega, grande praça aberta utilizada para funções públicas. Para Franch (2010) a ágora era o lugar permanente do encontro, era um espaço público no centro da cidade onde os cidadãos gregos exercitavam a democracia direta, deliberando e resolvendo os assuntos da cidade.

Com o surgimento desse espaço público se fez aparecer um novo tipo de discurso, o qual todos aqueles considerados cidadãos tinham o direito de proferir em público sua opinião, trazendo assim a noção de publicidade e de uso da razão. Porém a exclusão dos então não-cidadãos (mulheres e escravos) da vida pública tornou-se uma característica deste espaço, remetendo e trazendo consigo uma tensão e disputa, por estes diferentes grupos da vida social.

Diante disso, podemos entender que os diferentes espaços da cidade, sejam praças, ruas, entre outros, são, antes de tudo, “revestidos de significados” públicos. Segundo Coradini (1995, p.11), “o espaço adquire vários significados, conforme indivíduos e grupos, tipo de apropriação e tempo, constituindo-se em campo privilegiado de estudo e representações sociais e, portanto, de análise (...)”.

Nesse sentido, alguns espaços públicos ainda são percebidos enquanto representações mais peculiares da cidade. Exemplo disso são as praças, espaço que se apresenta por particularidades que as distinguem de outros espaços onde, de acordo com o contexto histórico e cultural na qual estão inseridas se destinava prioritariamente à convivência e lazer acessíveis a todos os cidadãos da urbe.

Historicamente, as praças tradicionais se configuravam à área central da cidade, sendo por isso um ponto estratégico. Eram a partir do centro que convergiam às diversas atividades econômicas, políticas, sociais e culturais da cidade, formadoras, portanto, dos diferentes atores:

Marcada por uma diversidade de indivíduos e grupos, formas de apropriação e redes informais, o mundo do “centro” é principalmente o mundo dos “camelôs, prostitutas, velhos aposentados, políticos, solitários anônimos, ilustres desconhecidos, turistas, engraxates, tipos folclóricos, pivetes, pregadores da palavra de Deus, bichas, vendedores ambulantes, colegiais, pessoas em trânsito... das estátuas, das obras de arte, dos monumentos, da figueira, da esquina do pecado, do Ponto Chic (sic). Das perambulações à procura de “consumo, sexo, paquera, prazer, diversão, bom papo, furtos, vícios (...)” (CORADINI, 1995, p.12).

Observa-se que, ao longo do tempo, as praças têm sofrido modificações em sua função pública, mas, seu caráter social ainda permanece como principal demarcação. Os espaços públicos vão sendo redefinidos visto que “Em alguns casos tornam-se palco de acontecimentos históricos significativos, o que lhes confere o caráter de lugar de memória, muito importantes no processo de criação de identidades coletivas” (QUEIROZ; FRANCH, 2010, p.24).

Ainda para estas mesmas autoras, ao passar dos tempos as cidades e suas praças foram sendo reconfiguradas pelas chamadas reformas urbanas. Entre os séculos XVIII e XIX, por exemplo, as ditas reformas tinham fins não meramente estéticos, mas higiênicos e de afastamento das multidões: “Era a época da urbanização, da construção de estradas de ferro, das construções de edifício públicos, obras assistências, obras de saneamento, iluminação, aterros, reformas e alinhamentos das ruas (...)” (CORADINI, 1995, p.64).

Porém uma questão necessitava de resposta: “o que fazer com os pobres que ocupavam esse espaço?”. A “solução” encontrada pelos urbanistas foi a expulsão de considerável número de moradores e a tentativa de extinguir, por esse processo, as suas práticas sociais: “A desordem, o caos, o cheiro fedido, os cortiço, a pobreza, tornam-se a outra face da cidade. A ordem era: ‘desinfetar’, ‘pavimentar’. Esta foi, portanto a estratégia dos higienistas, os primeiros urbanistas, para livrar a cidade dos ‘odores’ dos ‘pobres’” (CORADINI, 1995, p 26).

Dentro dessa perspectiva a pobreza na modernidade é meticulosamente definida como feia e incômoda algo que não se enquadrava com o cenário urbano moderno do embelezamento. Mais uma vez ressalta Coradini:

Este período de reformas, da introdução de novo valores identificados com a nova ordem dominante, é o período que poderíamos chamar de “desodorização” do espaço público urbano. Neste período as normas de disciplinarização e esquadramento do espaço tornam-se evidentes a partir de vários discursos, desde o dos planejadores (engenheiros e médicos sanitaristas) até dos cronistas, passando pelos políticos

(...) (CORADINI, 1995, p.64).

Essa desodorização ou higienização ganha novos moldes na contemporaneidade que, juntamente com o crescimento urbano, denota-se por problemas sociais como a segregação socioespacial; fatores que juntos contribuem para a agudização da questão social na cidade. Em face de amplas transformações econômicas, culturais e políticas postas pela contemporaneidade, consolidam-se novas concepções urbanísticas pelos fins de revitalização, enobrecimento ou requalificação dos espaços urbanos. Mais uma vez, o que se reedita é o critério de se fazer romper com a ideia do “antigo” para dar lugar ao “novo” e moderno.

Dessa maneira, os espaços públicos foram sendo cada vez mais esquecidos em função de fenômenos relacionados à forma como se dava o crescimento das cidades, a urbanização e, mais recentemente, de fenômenos sociais relacionados à violência e insegurança urbana.

Neste sentido, se a modernidade trouxe consigo alguns benefícios que melhoraram significativamente a vida nas cidades por outro, há que se salientar que os beneficiários das reformas urbanas hoje, tal como no passado, ainda se restringem a setores hegemônicos, já que “(...) quando bairros desagregados são revitalizados, sua população original de baixa renda costuma ser substituída por moradores mais abastados” (WACQUANT apud QUEIROZ; FRANCH, 2010, p.28).

As transformações ocorridas com a globalização, em especial com o avanço do neoliberalismo nos anos 1990 alteraram consideravelmente o cenário urbano e as relações sociais de seus habitantes, uma vez que, as estruturas e funções da cidade acabam se remodelando conforme os interesses hegemônicos.

Como chama a atenção Leite (2009, p.194) “mediante a sujeição do planejamento urbano à lógica de mercado”. O espaço público tem assim perdido seu lugar na sociedade urbana contemporânea, na medida em que, a dimensão do público não encontra mais lugar diante dos espaços privados e fechados: “Tais processos [de mudanças] vêm acompanhados de um aprofundamento dos valores da chamada sociedade de consumo, que tende a desvalorizar espaços e atividades não inseridos no circuito mercadológico” (QUEIROZ; FRANCH, 2010, p.28).

Dessa forma, a cidade vem sendo pensada quase que exclusivamente

como lugar do consumo e do prazer, conseqüentemente os protagonistas desse novo cenário passam a serem consumidores e não mais os cidadãos. Neste sentido, acaba por priorizar alguns grupos sociais em detrimento de outros. Nesse contexto:

(...) cria a sensação de uma fragmentação exasperada que tornaria a convivência nos espaços públicos marcada possivelmente pela formação de guetos, tribos e castas, cada um a demarcar seu espaço e incrustar-se em seus respectivos lugares. Some-se a isso a relativa perda de importância dos espaços públicos urbanos tradicionais (praças, ruas, parques, galerias) para os emergentes espaços virtuais de comunicabilidade em rede (chats, blogs, reality shows, TVs interativas); acrescidos dos processos contemporâneos de higienização estética dos espaços urbanos históricos (gentrification, disneyficação, patrimonialização) e a crescente proliferação de espaços fechados de moradia, consumo e lazer (condomínios fechados, shopping malls, parques temáticos) e temos em todos esses processos uma visível atitude defensiva em relação ao outro, ao estranho. A recusa às amarras da segurança ontológica compartilhada na condição pós-moderna parece confirmar, à primeira vista, um inevitável obituário para os espaços públicos urbanos nas cidades contemporâneas (LEITE, 2009, p.192).

Em torno dessas reflexões podemos entender que os espaços públicos contemporâneos ocasionam a desconstrução do sujeito e seu descentramento (LEITE, 2009, p.189). O que tem contribuído para fragmentar os grupos urbanos, criando condições para que aquilo que seja “diferente” se torne hostilizado, a maior prova disso é a segregação urbana que criaram barreiras intransponíveis entre os diferentes grupos sociais.

Diante de tudo isso, os respectivos espaços públicos deixaram de ser conhecidos apenas como lugar do diálogo e do encontro, sendo

marcados também pela “perda da identidade e das tradições culturais”. Características essas associadas a uma nova urbanidade marcada pelo individualismo presente nos grandes centros urbanos. Ou seja,

(...). A intensificação do individualismo condiciona novos modos de viver e circular na cidade na cidade, favorecendo os itinerários individuais, que se tornam imprevisíveis, aleatórios e solitários. A valorização da vida privada e a presença intensiva de novos meios de comunicação viabilizam modalidades distintas de interação e de formação de redes de sociabilidade, tornando dispensáveis os contatos face a face em locais públicos de encontro. Ocorreram ainda a expansão e diversificação de novos espaços de convívio, muitos deles de caráter privado e segregacionistas como os *shoppings centers*, centros comerciais, salas de espetáculo e locais de eventos esportivos e celebrações (QUEIROZ ; FRANCH, 2010, p.26-27).

Por outro lado, por formas muito interessantes e resistentes, um território passa a ganhar destaque nas análises: o centro e as ruas centrais da cidade. Pois o centro, ainda, pode ser facilmente considerado a alma da cidade, em função dos tipos de usos com que alguns personagens ainda fazem da rua e a demarcam, em uma outra leitura e em contraposição à visão hegemônica. Historicamente observa-se que o centro principal das cidades, “(...) surgia quase sempre marcado pela diversidade de seus usos, significados, formas e funções. Pelo centro dá para perceber melhor a cidade, porque, de um modo ou de outro, ela está ali representada” (CORADINI, 1995, p.13).

Uma vez que, alguns personagens ao se movimentarem no espaço da rua, exigem a redefinição da mesma enquanto “espaço de todos”. É nas ruas e em seus usos que determinados usuários, dentre os quais os ambulantes, acionam táticas que buscam romper com o oficialmente estabelecido; redefinindo assim o próprio conceito de espaço público na contemporaneidade.

Em relação à perspectiva de se pensar sobre os espaços públicos, ou

seja, sobre a vida na cidade contemporânea podemos constatar que tal modo de vida, que, surgiu no século XIX, em meio ao desenvolvimento do capitalismo industrial, ainda se baliza pelo discurso que habitar a cidade é sinônimo de desenvolvimento econômico e compartilha de distintos meios e formas de sociabilidades típicas deste lócus. Tal como no passado, a cidade contemporânea é sinônima de processos que diferentemente a atinge.

Desta forma podemos, em relação ao espaço público, destacar que: 1) a cidade não conseguiu seu objetivo, que seria o de integrar todos em um mesmo espaço; 2) os espaços públicos são definidos de acordo com as transformações que determinadas classes sociais promovem; 3) o projeto de espaço comum a todos transformou em dominação de territórios. Assim vejamos abaixo, como pontuar essa discussão.

A CIDADE NÃO CONSEGUIU SEU OBJETIVO, QUE SERIA O DE INTEGRAR TODOS EM UM MESMO ESPAÇO

A cidade contemporânea permanece o mesmo discurso da cidade moderna em sua gênese, no século de XIX, meio de conhecer e integrar o que podemos chamar de social. Esta “fora” deste meio significar estar distante do que é comum, ou seja, do civilizado daquilo que podemos afirmar ou pelo menos divulgar como algo necessário à nossa existência tanto no que tange ao aspecto econômico, também na socialização dos costumes difusos. Cabe observar que os espaços públicos não cumprem, ou ainda não exercem a finalidade propagada pela publicidade urbana: “Os encontros no espaço público se tornam a cada dia mais tenso, até violento, porque tem como referência os estereótipos e medos das pessoas. Tensão, separação, discriminação e suspeição são novas marcas da vida pública” (CALDEIRA, 2008, p.301).

Verificamos desta forma que o espaço público não cumpre ainda sua finalidade primeira que é a promoção da integração do híbrido, ou seja, do diferente pela promoção e potencialização dos distintos. De tal modo que, ao não desenvolver a socialização pelo cultivo do diferente, passa-se a falsa ideia de que para ressaltar o comum necessário se faz ocultar as diferenças em nome de um espaço sem conflitos; como se assim tornasse possível a convivência entre distintos em um só espaço.

O que se denota, portanto é um permanente e complexo conflito entre distintos, onde a cada dia as relações entre diferentes tendem a se torna insuportáveis ou quase que impossível (BAUMAN, 2010). Pois, ao mesmo tempo, mais espaços se colocam necessários à difusão das diferenças, denota-se também uma sutil estratégia de, ao aceitar, mascarar as diferenças; tornado-as comum. De tal modo que “Quando não há vida pública, as alternativas a compartilhar muito podem ser não compartilhar nada, suspeita e medo dos vizinhos” (CALDEIRA, 2008, p.301).

Portanto, o projeto urbano de promoção da vida na cidade moderna não conseguiu se estruturar sob a ótica da promoção da integralização do diferente em um mesmo espaço. Compartilhando dos mesmos benefícios inerentes ao ora se coloca inerente à condição humana nas cidades. Termos estes interessantes e a serem desenvolvidos na próxima subseção.

OS ESPAÇOS PÚBLICOS SÃO DEFINIDOS DE ACORDO COM AS TRANSFORMAÇÕES QUE DETERMINADAS CLASSES SOCIAIS PROMOVEM

Os poucos espaços públicos hoje presentes podem ser observados em meio ao que se entende por público. Este ideal e é algo que está distante do projeto pensado, idealizado sobre o conceito de urbano e principalmente público, sendo também constatado pela ampla “privatização” dos poucos espaço públicos ora ainda revigorados. Quase sempre renovados, revitalizados, embelezado, para dar junção e sentido às práticas mercadológica de consumo da cidade e dos lugares. De tal modo que o espaço público é definido não mais a atender a necessidade comum, mas de acordo com as transformações do próprio mercado. Assim,

Os enclaves fortificados e o tipo de espaço público que estão sendo criados em São Paulo e em Los Angeles são resultados de influencias complexas e heterogêneas. Algumas delas podem ser relacionadas às críticas da desigualdade, segregação e injustiças sociais que constituíram as cidades industriais (CALDEIRA, 2008, p.308).

O que desta forma percebemos que o conceito de público anda distante em sua epistemologia. O que há é uma relação que agir de uma maneira velada, de forma em que os populares até percebem de como aquele espaço, que em tese deveria ser utilizado por todos, é ocupado de maneira heterônima e de acordo com os interesses de determinadas frações de classe e/ou mercado.

Disto isto é relevante percebermos que a um só tempo se promove uma segregação social, ao situar pela negação o espaço público, pois, também se ergue dessa maneira um espaço público fracionado e individualista. Ou seja, em uma só mesma medida: se repropria para dividir a leitura daquilo que historicamente está constituído sob dominação na sociedade. O que torna fácil, para alguns grupos ou cidadão, justificar, porém, o fechamento intramuros ou em estruturas particulares para o usufruto a seu bel-prazer. De tal maneira que,

Vários bairros estritamente residenciais da classe alta (partes antigas do Morumbi, Alto de Pinheiros, Jardim Europa, por exemplo) tendem a ter ruas vazias também, mas bairros mais antigos, alguns deles projetados como cidade-jardins, ainda têm boas ruas e calçadas. Nessas áreas, porém, outros dispositivos restringem a circulação. Em muitos desses bairros de classe média e alta, os moradores privatizaram ruas públicas, fechando seu acesso com portões, correntes ou, menos ostensivamente, com jardins, vasos e plantas (CALDEIRA, 2008, p.315).

O que desta forma reforça o aniquilamento dos diferentes (BAUMAN, 2010), isto é, de determinados grupos sociais que, ao se privarem deste convívio, passam a ser estigmatizados por aquele que se colocam “comuns” a todos.

O PROJETO DE ESPAÇO COMUM A TODOS TRANSFORMOU EM DOMINAÇÃO DE TERRITÓRIO

O espaço público no seu contexto contemporâneo que tem consagrado um meio, um modo de vida onde termos a sensação de estarmos

sendo, constantemente, vigiados e tolhidos em nosso direito de ir e vir; algo que não salutar em uma sociedade que se diz caracterizada sob a prática da democracia.

Basta observarmos que tornou se até natural reforçarmos uma ideia de público a qual poderíamos falar em um espaço público cada dia mais particularizados e estruturado sob a modalidade do valor de uso e ressaltado, tantas vezes, pelo medo do intruso:

Passar pelas ruas do Jardim Europa admirando as mansões dos ricos: A maioria delas não é mais visível: as casas estão escondidas atrás dos muros, e os arames eletrificados e outras parafernálias de segurança ajudam a impor distancia a quem ainda se aventura pelas ruas. Andar se tornou desagradável, já que as ruas são agora dominadas por vigilantes particulares instalados em guaritas, cães latindo para os pedestres e dispositivos que bloqueiam a circulação. Os poucos pedestres se tornam suspeitos (CALDEIRA, 2008, p. 315-316).

O que desta forma a cidade que deveria promover o bem estar, acabou desenvolvendo um mundo do medo, da desconfiança, o que reina é a superproteção do espaço em que estamos inseridos. O medo do desconhecido tornou se consagrado em meio às relações humanas, que compartilhavam as diversas práticas humanas, desde ao um simples gesto de cumprimentar até mesmo a partilha do meu, ou seja, tornando se, assim, o nosso.

Claro que existem elementos que contribuem de forma decisiva para este comportamento, que impera a lógica da desconfiança no outro, da necessidade de sempre esta ocupando o espaço do outro como forma de impormos a nossa maneira de viver, como a melhor forma de vida e, sendo assim, não posso permitir que o diferente pudesse participar ou pelos menos conhecer o que tenho ou que sou.

Parece até que voltamos ao estado natural de acordo com a interpretação do pensamento de Hobbes, ao afirmar que “o homem é lobo do homem, ou seja, sempre esta em permanente conflito não há o que fazer apenas um estado absolutista é capaz de resolver esta problemática”.

É o que estamos assistindo de forma perene as disputas e totalizações do espaço. “Os caminhos dentro das favelas são espaços para se andar, mas as favelas acabam sendo tratadas como enclaves privados: apenas moradores e conhecidos se aventuram a entrar e tudo o que se vê das ruas públicas são algumas poucas entradas” (CALDEIRA, 2008, p.315).

Desta forma, é pertinente afirmar que a cidade é responsável por criar um espaço paralelo, isto é, de promover uma disputa entre diferentes grupos e usuários. O que denota que, de forma complexa e instigante, cria e desenvolve diversos grupos em um mesmo espaço público que, em tese, é compartilhado por todos e promovedor de diferenças. Pois, como veremos ao longo de todas as análises, o espaço público não apenas denota termos ambíguos, desiguais e conflitivo, mas, de forma bastante interessante e rica podemos também ressaltar as sociabilidades, as diferenças, o respeito e a própria necessidade de, ao se constituir enquanto tal, reafirmar a cidade em sua função pública revigorada. Conforme percebemos na premente leitura do *Calçada da Cardoso Vieira*, em Campina Grande.

OS USOS DA RUA

A rua, lugar socialmente construído marcado pela diversidade cultural e social em uma relação que se dá tanto pela interação quanto pelo conflito, “(...) remete a passagens, becos, largos e mesmo praças fisicamente abertos, isto é, não cercados, e cujo acesso legal é irrestrito em qualquer horário” (FREYSE, 2009, p.151). Em consonância com essa perspectiva Da Matta (1986) define a rua enquanto “(...) lugar do movimento, em contraste com a calma e a tranquilidade da casa, o lar e a morada (DA MATTA, 1986, p.19).

Nessa perspectiva, a rua é marcada pela “alteridade e irrestrição de seus usos”, e, portanto, traz por marca a disputa por espaços pelos diferentes grupos. O que nos coloca a necessidade em observar que:

Refletir sobre os significados de usos da rua nos estudos urbanos acarreta pois, em primeira instância, considerar que estão em foco os vínculos dos indivíduos com os locais das cidades modernas potencialmente mais receptivos à diversidade humana. Essa

diversidade social e cultural constitui o referente básico dos significados socialmente compartilhados (e disputados) acerca desses lugares. Por tanto, interferirá nas relações dos indivíduos com tais locais e, especificamente, nos usos das ruas (FREYSE, 2009, p.152).

Ao contrário do ambiente da casa, na rua encontramos os mais diferentes tipos de pessoas e práticas sócioespaciais. É no espaço da rua que nos é “autorizado fazer de tudo” que não se pode fazer em casa.

A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA E LEITURA DA CIDADE

As imagens caracterizam as primeiras formas de registros que os homens encontraram para interpretar o mundo a sua volta, sendo inclusive anteriores a escrita, por isso elas são de extrema importância para desvendar a história humana na terra. Neste sentido, podemos entendê-las enquanto:

(...) um tipo de linguagem [que] atestam uma intenção de comunicar, que é dotada de um sentido e é produzida a partir de uma ação humana intencional. E, nessa medida, as imagens partilham com as outras formas de linguagem a condição de serem simbólicas, isto é, são portadoras de significados para além daquilo que é mostrado (PESAVENTO, 2008, p.99).

Dessa forma podemos afirmar que as imagens são dotadas de significados a partir das representações do real, seja a partir do olhar de quem cria esta imagem ou de quem simplesmente a observa.

Para Pesavento, as imagens possuem diversas propriedades em ser visual e, portanto captada pelos sentidos; cheias de simbologias e com isso passíveis de serem lidas e ainda possui a capacidade de se tornar mental quando associamos a nossa própria história: “Nesta dimensão, como elaborações visuais e mentais, texto e imagem intercambiam mensagem e significados oferecendo leituras possíveis, expressando sensibilidade, experiências de vida, percepções do real, visões do mundo”

(PESAVENTO, 2008, p.111).

Um recurso bastante utilizado para captar o mundo que nos cerca, em especial o cotidiano, é a fotografia. Material que passou a ser utilizada nas Ciências Sociais a partir do reconhecimento da necessidade de outras fontes que oferecessem uma visão mais totalizante dos fenômenos sociais. A fotografia traria assim, a particularidade de captar aquilo que os sentidos humanos não conseguem e por isso traz elementos novos a fim de serem interpretados. Visto que,

(...). O que o fotógrafo registra em sua imagem não é só o que está ali presente no que fotografa, mas também, e sobretudo, as discrepâncias entre o que pensa ver e o que está lá, mas não é visível. (...). A fotografia, no que supostamente revela e no seu caráter indicial, revela também o ausente, dá-lhe visibilidade, propõe-se antes de tudo como realismo da incerteza (MARTINS, 2009, p.28).

A imagem para ser captada necessita, porém não apenas em ser vista, mas ser apreendida dentro de duas perspectivas. A *primeira* diz respeito à percepção crítica do mundo, pois:

(...) quanto maior a armazenagem de conhecimentos e de leituras que cada um possui, ou, em outras palavras, quanto maior a erudição do espectador da imagem, maior sua capacidade de tecer relações entre a imagem vista e outras imagens ou discursos conhecidos, potencializando assim, sua capacidade interpretativa (PESAVENTO, 2008, p.109).

A *segunda* perspectiva diz respeito à necessidade de colocá-la dentro de um contexto histórico específico, analisando também as interpretações que os homens têm do mundo. De tal modo que “não se deve “(...) procurar na imagem estudada o necessariamente acontecido, mas sim a percepção dos homens acerca da realidade em que viveram”. (PESAVENTO, 2008, p.113). As duas perspectivas acima constituem,

portanto, ferramentas indispensáveis para observar na imagem não só a aparência, mas a interpretação e o contexto do que podemos enxergar para além daquilo que está posto.

CAPÍTULO 2 : PERCURSO METODOLÓGICO

O RECORTE

Entendendo-se que o método e os instrumentos que compõem a relação entre investigador e “objeto” se sustentam por um conjunto de concepções sobre a natureza, o conhecimento, e o próprio homem, é imprescindível pensar a metodologia como um *sistema de relações* que traduz o mundo dos significados onde a pesquisa se articula à interpretação problematizada da relação com o sentido, pois:

Cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face as suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes (...). Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais (ORLANDI, 2001, p.27).

Nesse sentido, a metodologia desenvolvida interagiu no contexto da pesquisa, destacando-se por alguns instrumentos que foram necessários ao diálogo entre as percepções de campo e as nossas opções teórico-metodológicas.

Orientamo-nos assim a refletir as escolhas do processo de investigação e o arranjo (teórico-metodológico) de onde partiremos para

constituir o *corpus* da pesquisa propriamente dita. Tomamos sob empréstimo Coradini (1995), ao perceber que a metodologia da pesquisa deve-se guiar por duas perspectivas, qual seja:

(...) está atenta para dois pontos de vista, que, apesar de aparentemente contraditórios, percebo como sendo em parte complementares. São eles a do “esquadrinhamento” e a do “dialogismo” (ou polifonia). (...).De um lado, inúmeras tentativas por parte da administração pública, no sentido de ordenar, vigiar e disciplinar o espaço.Do outro, uma multiplicidade de vozes, cada uma expressando uma visão de mundo, tentando subverter, desordenar,libertar-se do olhar disciplinador e ressignificar a vida social (CORADINI, 1995, p.29).

A pesquisa teve uma abordagem primordialmente qualitativa por se considerar que esta é mais adequada, de acordo com Minayo (1997), quando se busca investigar um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não foram reduzidos à mera operacionalização de variáveis.

A PESQUISA

Como afirma Minayo (1997), a pesquisa se inicia muito antes da coleta de dados que deverá ter por objetivo reunir os dados pertinentes à investigação do problema de pesquisa. No presente caso, os recursos foram e trabalhados definidos em função da natureza das perspectivas e fontes utilizadas. Dentre as perspectivas de pesquisa trabalhadas, destacaram-se:

- Pesquisa bibliográfica;
- Pesquisa documental;
- Pesquisa de campo.

Assim na pesquisa documental, quando do trabalho de campo, segundo Pádua (2002), além das fontes primárias, consideramos como documentos todas as fontes que não existem sob a forma de textos escritos- iconografias, fotos, imagens, mapas e etc. Pois estas também

nos ajudaram a entender o lócus em estudo e a contextualização na pesquisa.

Com base nisso recorreremos também à dimensão da *linguagem visual e textual* que têm por suporte a *entrevistas* como técnica de pesquisa capaz de captar e interpretar os significados de conflitos, interesses e significados presentes no *Calçadão* pela incorporação de determinadas vozes (o comércio, os ambulantes, o poder público, os transeuntes) que falaram a partir de uma posição de poder, de um lugar de circulação de *imagens*:

(...). Para ler a cidade, o leitor terá necessariamente que lançar mão de muitos recursos que a tornem legível; para ver a cidade, o observador necessita de instrumentos capazes de torná-la visível. Pois a cidade material, visível ao primeiro olhar, pode esconder muitas outras cidades (Grifo nosso!). Para além do espaço urbano, a cidade comporta sonhos, desejos, projetos inacabados e não realizados. Necessita que seja vista para além de sua pedra, (...) (POSSAMAI, 2007, p.7-8).

Há um padrão regido pela imagem (oficialmente) inventada, que constrói o Calçadão a partir das modificações ocorridas em sua organização espacial e, ao se metaforizar, pontua e traça o percurso urbano da própria cidade:

A imagem da cidade constrói, pela hierarquia dos seus predicativos, um sistema de ordem que comunica um código, um modo de entender, avaliar e valorizar a cidade. É institucional e, no nível simbólico, corresponde a uma didática que ensina o que é e quem é quem na cidade. A imagem hierarquiza o espaço urbano na medida em que é sua referência (...). Pela percepção coletiva da imagem, ensina-se a identificar o poder que organiza a cidade e dela se utiliza para

5 Foram entrevistas 10 pessoas, entre ambulantes e comerciantes formais.

As imagens tiveram uma intencionalidade, a partir da compreensão do lugar construído como *ethos* que realizava intenções e diferenciava as tentativas de disciplinar e ordenar este espaço, ou ainda de excluir determinadas imagens do modo de se vivenciar a paisagem urbana.

Inerente à linguagem textual e visual da reflexão houve assim o reconhecimento capaz de tornar visíveis as transformações do espaço pelo intuito de torná-lo uma pretensa estrutura espacial racional, eficiente, desejada e requerida oficialmente, por diferentes contextos e com diferentes conotações.

A recolha da imagem e a utilização da linguagem visual, fontes de pesquisa das ciências sociais que passaram a ser tratados por nós pelo que revelam enquanto poderoso instrumento que não deva ser analisado, apenas, como mera descrição da realidade. Ao apropriarmos a *fotografia*, como instrumento ou técnica de pesquisa, a inserimos como elemento do discurso e parte integrante do texto, a pensamos na dinâmica discursiva própria que articula tempo- espaço e interações sociais (KOURY, 1998).

Lida no contexto da análise, a dimensão da fotografia nos auxilia a repensar a própria reflexão inicial, pois, conforme coloca Guran (1995), a fotografia ajuda a fazer emergir algumas pistas que permitem melhorar a compreensão da realidade estudada, ou seja:

A fotografia feita para contar é aquela que visa especificamente a integrar o discurso, a apresentação das conclusões da pesquisa, somando-se às demais imagens do corpus fotográfico e funcionando sobretudo na descrição e na interpretação dos fenômenos estudados. É geralmente produzida quando o pesquisador já pode identificar os aspectos relevantes cujo registro contribui para a apresentação de sua reflexão. *Nada impede, porém, que fotografias feitas na primeira fase da pesquisa - a de descobrir - passem por uma releitura e venham a integrar o discurso final nesta categoria* (GURAN, 1995, p.162, grifo nosso).

Rica em informações, a fotografia depende diretamente da leitura da imagem (GURAN, 1995), pois foi capaz de captar e perceber as nuances presentes em textos e discursos contextualizados. Elemento do discurso, enquanto tal, a fotografia expressou não apenas imagens, pois, a imagem específica de um conjunto- padrão de imagens, vai além da visualidade material:

A imagem, em particular a Fotografia (sic), traz informações visuais preciosas para o nosso conhecimento das coisas, pois funciona como uma narrativa, mesmo que fragmentária, sobre uma multiplicidade de eventos e personagens, mesmo que não se possa dizer tudo sobre eles. (...), a Fotografia (sic) conta uma história a partir do ponto de vista do seu narrador, mas ao mesmo tempo exigindo do leitor uma resposta complementar. (...).

Como um texto, sugere questões e pede ao leitor que preencha uma série de lacunas e perguntas parcialmente respondidas, e realize uma parte do trabalho por ele (...). Esse trabalho realizado pelo leitor situa-se no âmbito simbólico, no qual confere sentido à representação imagética sobre o qual interferem também o saber, os afetos, as crenças do indivíduo, além de fatores transhistóricos e interculturais na relação com a imagem em geral (...) (BARRETO, 1996, p.13-14).

O que criticamente refletiu o cruzamento entre as ciências sociais e a linguagem visual, em uma antologia que, com base na perspectiva de Feldman-Bianco (1998) questiona a dimensão imagética como mera ilustração de textos verbais: “(...) Em vez do simples registro e da documentação visual do “instantâneo da experiência” (...), ressaltamos a importância de dedicar mais atenção aos significados culturais engendrados pelas imagens, bem como às formas como a produção e a leitura dessas imagens são mediadas, (...)” (FELDMAN; BIANCO, 1998, p.12).

A fotografia apresentou assim riqueza de detalhes, do indizível, pois

não é apenas o visível que se lê em uma foto, mas também aquilo que está fora do campo fotográfico e que, no entanto, está nele circunscrito (BARRETO, 1996).

Por essa perspectiva, as imagens visuais presentes no *Calçadão*, foram situadas pela interlocução da fotografia com o implícito processo de rupturas e contiguidades que indicou a leitura da relação da imagem fotográfica com o visual e o textual enquanto registro possível de significar os fatos analisados:

A fotografia ou o desenho permitem uma penetração de significados por meio da memória espacial e da associação de imagens. O exercício de análise das fotografias estimula a percepção visual e habitua a enxergar na foto uma radiografia com sugestões de significados invisíveis que ultrapassa o enquadramento das duas dimensões (MOREIRA LEITE, 1998, p.43).

Como extensão e significação, a fotografia, longe de ser objeto neutro acolhe significados sociais muito diferentes produzidos na correlação com discursos, capazes de requerer os conteúdos sociais das imagens houve um processo vivenciado na cidade, o que exprimiu e nos trouxe informações preciosas sobre tal realidade. Há dimensões ocultas na realidade fotografada, onde o verossímil não é necessariamente o verdadeiro, embora seja o real.

PESQUISA DE CAMPO

A estratégia metodológica adotada na pesquisa incluiu um terceiro tipo de pesquisa, desenvolvido em etapas simultâneas de trabalhos de campo- aproximar, conhecer e caracterizar a área em estudo descrevendo seu processo de uso e apropriação.

Procuramos seguir os passos apresentados por Minayo (1997) quando da organização do trabalho de campo: ordenação, classificação e análise dos dados, a qual deve ser encarada de forma provisória e aproximativa, pois as afirmações em campo podem superar conclusões prévias.

Reforçamos deste modo que, como organização, buscamos cotejar

questões e escolhas guiadas pela perspectiva da *pesquisa qualitativa* e do recurso metodológico do trabalho com *imagens e discursos* :

Neste sentido é que nos parece estratégico problematizar as imagens fotográficas da cidade, produzidas e utilizadas (...) com o intuito de compreender a construção de um padrão de visualidade que destaca certos sujeitos, lugares, tempos, acontecimentos e significados da experiência urbana, (...) (MONTEIRO, 2008, p.154).

A *observação direta* foi iniciada pela aproximação, seguida de entrevistas *semi- diretas* para levantamento das informações. Ambas nos possibilitaram ler as maneiras de fazer e práticas ordinárias (CERTEAU, 1994) presentes no *Calçadão*. Pois foram instrumentos que consistiram para nós em táticas de ver, ouvir e examinar as sociabilidades cotidianamente postas no espaço do *Calçadão*; na intenção de melhor explicitar o nosso objeto de estudo e suas interpretações.

Isso ocasionou para nós pensar as formas pelas quais diferentes sujeitos se inscrevem na cidade, suas práticas de sociabilidade e movimentos muitas vezes não perceptíveis aos flagrantes da cidade:

(...) Onde o social é silenciado, nessa organização social urbana que não compreende (apreende) a realidade urbana cidadina em constante movimento, (...). E o que não é significado perde-se na marginalidade do interdito; do sem – sentido (sic).

Pois bem, a narratividade urbana, enquanto fala que desorganiza, é um modo discursivo de se trabalhar a espessura semântica da cidade, atravessar o urbano saturado e flagrar o real da cidade se significando (...) (ORLANDI, 2004, p.36, grifo nosso).

A prática social do discurso e sua formação foram interpretadas,

6 A esse respeito conferir: MIELE, Neide. *Diálogo entre o qualitativo e o quantitativo nas ciências sociais no Brasil*. In: DINIZ; BRASILEIRO; LATIESA (Orgs.), 2005.

e por nós analisadas, em uma dispersão de acontecimentos e campos (sociais, estéticos, econômicos, políticos, culturais) que se colocam nas formas de dizer, compreender os sujeitos, falas e situações sociais, formas próprias à existência *dos discursos*, em diferentes contextos sociais.

Por essa leitura percebemos o percurso social, no qual se encontram inscritas posições, táticas e modos de praticar a cidade “(...), enquanto fala que desorganiza, (...) modo discursivo de se trabalhar a espessura semântica da cidade, *atravessar o urbano saturado e flagrar o real da cidade se significand*” (ORLANDI, 2004, p.36, grifo nosso).

Coube-nos passar a apreender o jogo da interpretação, encontrar outros modos de dizer do trocadilho da ordem do discurso urbano, de um ‘discurso que fala’ pelas possibilidades de sentidos não perceptíveis em categorias fechadas

Essa compreensão fortaleceu na metodologia a necessidade de perceber a relação entre discurso e prática social por um diálogo que, paradoxalmente, colocou em suspeição o discurso que tenta homogeneizar o modo de significar a cidade. Discurso que foi percebido enquanto prática social desenhada pelas relações, disputas e movimentos neste espaço onde:

Na escolha do *corpus* da análise de um dado discurso há certas regularidades e identificações que o definem enquanto tal. Este campo específico de discursos forma um conjunto regular do que se pode e que se deve ser dito na situação em que aparecem como discursos populares, eruditos, abertos ou secretos.

O texto não é apenas o texto. É um conjunto de enunciados que possuem uma regularidade e uma identificação recorrente a um mesmo tema. Não são palavras soltas e nem inéditas. O texto enquanto mais um discurso é uma construção individual permitida ou censurada num dado contexto social. O discurso, nesta ótica não é uma representação do mundo pelos sujeitos, mas, ao contrário, é a construção deste sujeito pela sociedade, pelo silêncio, pelas formas de interpretação da realidade (DE LEÓN, 2005, p.88).

Desse modo ganhou perspectiva na metodologia a compreensão dessa dimensão, ao visar proporcionar a recusa de um discurso que emanou de um sujeito individual pela ordem espacial dos ordinários na cidade. Ao trabalharmos as descrições de perspectivas da metodologia, aqui esboçada, reconhecemos que o ritmo do *Calçadão* e sua movimentação nos obrigou a termos um olhar aguçado sobre a *observação* das formas, imagens, discursos e fotografias que compõem a trama do espaço público local.

Essa observação do olhar expressa o *Calçadão*, registros de espaço e acontecimentos considerados os mais significativos que envolvem a face de Campina – suas paisagens e modos de ver e registrar a cidade.

ANÁLISES DOS DADOS

Após a coleta, os dados foram sistematizados de forma a facilitar o processo de análise e interpretação a que foram submetidos. Nesse processo, obedecendo a Pádua (2002), os dados e informações foram analisados segundo sua pertinência e relevância, de modo a identificar os objetivos inicialmente propostos da pesquisa. Evidentemente, todos os momentos anteriores encontram-se a este vinculados.

A fase de análise e interpretação de dados na pesquisa foi imprescindível, pois, segundo Minayo (1997) a análise e a interpretação estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa. Uma análise eficiente requer atenção no sentido de ultrapassar os obstáculos, não ocultando o significado da análise. Desse modo, a análise requer uma interpretação que expresse experiências vividas, pelos atores envolvidos nesse processo, ao apontar para a necessidade de:

Estabelecer uma compreensão dos dados coletado confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder as questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado articulando ao contexto cultural do qual faz parte. Essas finalidades são complementares, em termos de pesquisa social (MINAYO, 1997, p.69).

A perspectiva metodológica adotada, em resumo, estimulou a reflexão sugestiva de apreender as imagens do espaço público, de modo que o texto escrito e o visual possam aparecer juntos apontando ou sublinhando a compreensão mais ampla das intencionalidades presentes neste espaço. Visto que a apropriação do espaço público é a significação de um lugar onde as “falas desorganizadas, fora da ordem”, pedaços da cidade como diria Certeau (1996), remetem a uma “inversão” espacial hegemônica.

CAPÍTULO 3

O CALÇADÃO COMO LUGAR DE DISPUTAS E TERRITÓRIOS

Trabalharemos aqui as atividades desenvolvidas no *Calçadão da Cardoso Vieira*, de modo a entender como se estabelecem as relações socioespaciais entre ambulantes e transeuntes. Mediante os objetivos da pesquisa os resultados que se seguem buscarão pontuar e desenvolver a perspectiva adotada a partir dos eixos temáticos, definidos previamente quando da ida a campo.

AS ESTRATÉGIAS DE LOCALIZAÇÃO QUE RECORREM OS AMBULANTES CONFIGURAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICA NO CALÇADÃO

As relações conflituosas que entre os ambulantes que lá permanecem, é lógico que não admitem esta problemática, mas que em uma conversa respeitosa percebe-se. É algo que ocorre de “forma natural” em consequência das disputas neste território (vide Figura 1) como também do próprio espaço físico do Calçadão, hoje bastante tomado pelo comércio informal.

(...). No caso ali, onde o espaço, mas disputado que tem, é a primeira parte do calçadão, é onde fica o pessoal do celular, eles ocuparam (...), realmente há uma, há uma disputa grande (Vendedor de relógio, informação verbal).

Ah, eu começo logo arengar com eles [vendedores que passam a vender o mesmo produto que ela!] “mandando eles” (sic) terem visão do jeito, do jeito que

tenho visão (...) (vendedora de loteria, informação verbal).



Figura 1- As estratégias de localização

Fonte: Pesquisa de Campo, PIBIC.

Verificamos que mesmo dividindo um espaço em comum, os que lá ocupam não se veem no outro como pessoas que estão buscando também sua sobrevivência a partir daquele ponto, que se tornou estratégico para o desenvolvimento do comércio informal em Campina Grande. Ao contrário há uma proposital distância que, de forma não declarada, está presente entre eles como critério de permanência naquele espaço: “Os engraxates ficam mais pra baixo, o pessoal aposentado já ocupa mais o meio, porque o banco é maior, e não estar ocupada pelo pessoal do celular⁷” (Vendedor de relógios, informação verbal).

Os comerciantes informais estariam organizados de acordo com lugares demarcados da seguinte forma: Na parte de cima do Calçadão é onde se encontram os vendedores de celulares, relógios e calçados.

7 Gostaríamos de esclarecer que por motivos de segurança, em virtude dos inúmeros conflitos entre ambulantes e poder público municipal, optamos aqui por recorrer ao uso de pseudônimos, resguardando assim a identificação dos informantes.

Cabe destacar que esta é a *parte mais disputada*, tendo em vista ser ocupada pelos produtos mais caros além de ser passagem de acesso obrigatória ao local:

(...) porque eles acham que ali é aonde, aonde, justamente, as pessoas mais passam ali na frente, é onde eles ocupam mais, você pode ver que no meio não é tão ocupado como é a parte inicial do calçadão ali, a parte principal, onde eles disputam mais por aquele ponto ali, aqui não, aqui é mais, você pode ver que não tem ninguém do celular aqui, eles ficam só ali na frente (vendedor de relógios, informação verbal).

A parte do meio é ocupada em sua maioria pelos idosos que se encontram cotidianamente para bater um papo e falar de futebol, política e outros assuntos, preservando assim as práticas de sociabilidade do Calçadão.

A parte central seria ainda o lugar dos vendedores de meias, de cintos, dos carrinhos transportáveis de sorvetes, frutas e verduras, entre outros, além de uma banca que vende vários tipos de produtos de acordo com as épocas do ano, essa é a única barraca fixa da parte central estando localizada na frente de um prédio. Deste modo, há uma demarcação desse espaço como uma estratégia de apropriação do mesmo:

Não, o pessoal aqui é tudo amigo, agora o pessoal que tá em frente da Redefarma olha o que é que a gente tá vendendo aqui e cresce os olho aqui pra vender as mesmas coisas, quando eles chegaram aqui, eles vendiam picolé, ficava olhando o que é que as pessoas colocavam. Chegaram a colocar aqui em frente a minha banca, ai eu cheguei pra eles, quer poder aqui também porque o mundo é feito pra todos, mas é preciso também saber porque se eu to vendendo x eu não vou pegar e botar x em cima de quem ta vendendo igual comigo. É eles não querem respeitar o problema é esse. (...) meu espaço é esse aqui, o menino da meia,

desde que ele chegou o espaço dele é ai, mas é o lá de baixo que tá bagunçando o coreto do Calçadão. Ele quer que o Calçadão fosse dele, já que tá aqui vou colocar minhas cunhadas e os meninos pra ficar vendendo (vendedora de jogo do bicho, informação verbal).

A parte final do *Calçadão* é ocupada pelos engraxates, vendedores de CD's e DV's, brinquedos, entre outros. Esta por se constituir na *parte menos disputada do Calçadão* é bastante ocupada pelas barracas temporárias e pelos novatos que chegam a este espaço.

Em relação à ocupação feita pelo comércio informal no Calçadão podemos constatar através das falas de nossos entrevistados três pontos importantes: o *primeiro* ponto que nos chamou atenção diz respeito à dificuldade para a ocupação do espaço do Calçadão: observamos que em geral, os que estão a mais tempo desenvolvendo essa prática, não sentiram dificuldade na ocupação, conforme consta nas palavras do engraxate: “Não, não, faz um bom tempo, uns 7, 8 anos, que eu trabalho ai, desde que eu cheguei pra trabalhar até hoje eu me encontro (Engraxate, informação verbal).

Diferentemente dos que ocuparam há pouco tempo este espaço, a qual se constata ter havido maior dificuldade, conforme relato abaixo:

Tive dificuldades, porque faz três meses que eu to aqui com a minha irmã, minha irmã faz mais tempo do que eu. Quando ela veio pra cá, pra ficar aqui tinha outra pessoa no lugar, agente ficou no lugar dessa pessoa, porque essa pessoa vinha um dia faltava dois, até ai ficando no ponto. Essa pessoa não era daqui, era de Pernambuco, ai agente foi ficando no espaço deles. (Vendedora de adesivos de unha, informação verbal).

Em consonância com o primeiro, o *segundo* ponto se refere ao posicionamento em relação à questão da ocupação: Neste sentido, constatamos que as pessoas que dependem diretamente desse tipo de comércio para sobreviverem ou mesmo os que têm ponto fixo neste espaço são a favor dessa ocupação.

Eu sou a favor sim, porque ninguém tem emprego, é pra ter seu salário né? Pra não tá pedindo esmola. Eu sou a favor que todo mundo ganhe seu dinheiro, e outra coisa quem tem visão não vai tá ganhando um salário mínimo não, porque aqui mesmo dá pra gente tirar mais do que um salário mínimo (Vendedora de jogo- Vendedora de jogo do bicho, informação verbal).

O que difere essa opinião de quem tem alguma outra fonte de renda é o discurso segundo o relata não ser propiciada pelo Calçadão: os que não têm ponto fixo, ou ainda, os comerciantes formais que sempre se posicionam contrários à ocupação desse espaço. O que nos remete a perceber a sutil relação de forças existentes entre os ora ocupantes desse território e comerciantes formais, em disputas explicitamente expressas pela própria forma como se deu o processo de ocupação da área. Assim vejamos:

Eu sou totalmente contra ao que tá acontecendo nos últimos anos neste Calçadão, a *invasão* (Grifo nosso!) que teve aqui com vendedor ambulante de fruta, sujando o calçadão, o pessoal do celular que vive vendendo na mão, ocupando o espaço físico da pessoa (...) mas que ta uma verdadeira balburdia aqui no calçadão, certo isso eu sou contra, eu sou a favor até de reviver os calçadões, que foi Félix Araújo que fechou o da Maciel Pinheiro e o da Cardoso Vieira, ele não abriu porque não abre esse, então porque o governo municipal não abre esse, pode muito bem abrir esse calçadão aqui e voltar a rua do jeito que era, sem estacionar carro de um lado e de outro, só passando os carros, pra mim não me afetaria em nada, agora fica feio pra minha cidade, fica feio pra as pessoas que chegam aqui é como está, a maneira que esta sendo ocupado, a maneira que isto ai é visto lá fora, então é uma feira

pode-se chamar de uma feira de mangai, aqui é uma feira de mangai, entendeu? Sou totalmente contra isso ai (Vendedor de relógios, informação verbal).

Não aqui no Calçadão eu só contra, aqui no calçadão certo, porque aqui eu acho o calçadão é uma área de lazer uma área de passagem de pedestre entendeu tá tudo tomado, tá praticamente uma feira hoje acho que esse pessoal devia ter, é tira daqui colocar num lugar mais competitivo mais adequado pra eles (Chaveiro, informação verbal).

O *terceiro* ponto se refere às estratégias de permanência no local ocupado, onde percebemos que os que estão a mais tempo fazendo uso do Calçadão se sente legitimados em não apenas permanecer mas brigar, lutar pelo seu espaço:

Ah, eu começo logo a arengar com eles (...). Mandando ele ter visão, do jeito que eu tenho a visão, eu tenho a visão, porque o mundo é grande, a mesma coisa na época de vender sombrinha o meu canto é aqui até a banca de Wellington, ai o que é que faz até os engraxates ficam em cima, mas os engraxates eles me respeitam, porque eles sabem que foi eu que comecei primeiro, ai eles ficam do lado de lá, não ficam tudo em cima de mim não, mas já esses que tão ali em frente ficam. Porque começou só ele, já colocou a mulher, arranjou umas cunhadas, então tão tudo dominando aquela parte do calçadão (...). Ele vende tudo, raquete, se eu colocar cocada seca ai ele vai procurar saber o que é, aonde vende, pra colocar a mesma cocada seca. Ele é uma pessoa que não sabe procurar o que vender, ele quer imitar as pessoas (Vendedora de jogo - Vendedora de jogo do bicho, informação verbal).

Em contraste com o discurso acima, identificamos que os comerciantes que chegaram a pouco tempo, através das ocupações recentes

no Calçadão, procuram ser mais pacíficos, sem procurar confusão com os outros comerciantes. “O que a gente pode fazer é não bater de frente com ninguém, com nenhum colega de trabalho, sempre atendendo bem as pessoas que passam, até quando eles mandam tirar a gente aqui desse espaço” (vendedora de adesivos de unha, informação verbal).

A partir das reflexões acima podemos perceber que todas essas configurações espaciais, seja através das ocupações ou demarcações do Calçadão, são permeadas pelo conflito e por estratégias de permanências no referido lugar, apesar de seus ocupantes e comerciante tentarem, quase sempre, mascarar ou ocultarem esses conflitos, o que já se caracteriza como estratégia, conferindo assim uma dinâmica muito peculiar e específica ao Calçadão.

A DINÂMICA DO CALÇADÃO

Conforme ressaltado anteriormente, o Calçadão possui uma dinâmica própria, podendo ser caracterizando um *lugar* que apresenta diversas particularidades, se comparadas ao resto da cidade. Basta ver, por exemplo, que apenas lá encontramos comércio formal e informal, mendigos, engraxates, idosos, “doidos”, mágico, cantores, políticos e intelectuais fazendo uso de um só espaço, de modo a conviverem lado a lado, materializando assim, diferentes aspectos da vida cotidiana.

Desse modo, podemos afirmar que além das atividades ditas legais, destacam-se também atividades ilícitas: assaltos, vendas de produtos roubados prostituição, venda e uso de drogas, dentre outras. Como descritas nas palavras dos nossos entrevistados: “(...) muitas são mercadoria roubadas, tem muita lavagem de dinheiro de tráfico, de assalto (...) (Vendedor de cintos, informação verbal).”

(...) Aqui tem de tudo do bom e do ruim. Aqui tem ladrão, aqui tem droga, tem pedófilo, homens “inchiridos”, aqui tem coisas boas e tem que saber conviver e fazer de conta que não vê, porque tem muito ladrão (Vendedora de jogo - Vendedora de jogo do bicho, informação verbal).

Essa mudança do olhar sobre o Calçadão também é repassada por

comerciantes formais que denominam o comércio informal responsável pela transformação negativa que ora passa esse espaço. Conforme enuncia o discursos abaixo:

(...) Ao tipo de comercio informal, que se instalou aqui em Campina nesse setor aqui, que pra gente infelizmente o calçadão hoje não é mais visto como antes, uma praça de bate papo, de descontração. E esse tipo de comercio paralelo ai, de aparelhos eletrônicos que são vendidos sem nenhuma fiscalização (informação de que?, informação verbal).

A partir dessas reflexões podemos entender que toda essa dinâmica se configura através das diferentes formas com que os indivíduos usam e se apropriam do espaço público do *Calçadão*, das relações sócio-espaciais que praticam entre eles e com os demais cidadãos campinenses e a leitura que fazem de si e do espaço que ocupam.

O *Calçadão da Cardoso Vieira* originalmente foi criado para o desenvolvimento das sociabilidades dos cidadãos campinenses, porém, denota-se uma ocupação específica nesse espaço (Vide Figura 2) onde, ao longo dos últimos anos tem gerado uma série de conflitos em termos de seu uso. Em grande parte, colocado a partir do destaque para a função comercial e em especial para o comércio informal. Conforme se situam os discursos abaixo:

Antigamente era um ponto de encontro de pessoas, bater um papo, tomar café, tomar um sorvete. Aí à medida que foram deixando... deixando, a finalidade desse local quando foi criado por Enivaldo Ribeiro, foi quem criou o Calçadão, a finalidade desse espaço, foi justamente reunir, o ponto de encontro com pessoas, tomarem um café, bater um papo, falar sobre futebol, um ponto de encontro, mas que virou, hoje não é mais um ponto de encontro, hoje é um comércio feio que denigre a funcionalidade, tá entendendo?(...) que deixa feio, o Calçadão estar abandonado

pelo poder público, não houve mais reforma, tudo entregue, é lixo no meio da rua, (...), não tem mais nada de bonito aqui não! *Muita gente deixou de vir aqui por conta disso, marginalizou* (Grifo nosso!). Tinha nosso ponto de encontro aqui, tudo bem limpinho, e agora tá marginalizado, feio, e isso tem como reverter, só uma força mais atuante do ministério publico de tirar essas pessoas mesmo, tirar por definitivo (Vendedor de relógios, informação verbal).

“(...) infelizmente o Calçadão hoje não é mais visto como antes, uma praça de bate papo, de descontração (...)” (Proprietário de lanchonete, informação verbal).



Figura 2 - A multiplicidade de usos do Calçadão

Fonte: Pesquisa de Campo, PIBIC.

Através dessas observações percebemos que o *Calçadão* constitui um ponto economicamente estratégico, por situar-se numa área central e com grande circulação de pessoas. Neste sentido,

O Calçadão hoje ele ficou conhecido como um ponto de referência no Centro, tudo que você procura no Centro você tem que tomar como referência o Calçadão, ele sai distribuindo todos os setores mais próximos, a relação com a população campinense eu acredito que seja essa. O benefício que ele traz a população é exatamente essa, mas tá acabando a inserção do calçadão (...), fazer uma praça pra um encontro de pessoas casualmente, um ponto de bate papo e isto já estar acabando aqui. (...).O comércio aqui existe outras facilidades das movimentações de pessoas né? Não precisa ficar atravessando rua, essas coisas, e é bem próximo, bem centralizado. Eles escolheram essa rua aqui porque, especificamente porque é uma rua centralizada no comércio, ela é próxima as outras ruas, Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva, Cardoso Vieira que é ela e a Marques do Herval, são as principais ruas do comércio de Campina, isso já vem há mais de trinta anos. (Proprietário de lanchonete, informação verbal).

Percebemos então que as pessoas são atraídas para este espaço não apenas para resolver seus problemas, consumir ou trabalhar, mas também por se identificar com o local, visto que, o Calçadão faz parte do imaginário do campinense na medida em que, este é um espaço tradicional da cidade, aonde as pessoas vão para verem e serem vistas. Preservando com isso a dimensão social deste espaço.

Calçadão pra mim é uma vida né? Eu praticamente nasci e me criei aqui no Calçadão, tá entendendo? No mais eu vejo o Calçadão como o coração de Campina Grande tudo que acontece aqui no Calçadão é detalhada de fofoca a realidade, tudo você escuta aqui no Calçadão, política, cultura, tudo de Campina Grande (Chaveiro, informação verbal).

“O significado dele é bom, porque a gente vem pra cá todo dia, já é de costume né? É um ambiente que o caba se sente bem, é um ambiente que ele é tipo publico” (Vendedor de celular, , informação verbal).

Porém, a que se salientar que existe uma relação tensa estabelecida entre uma parte dos campinenses e os ambulantes do Calçadão, visto que, ao mesmo tempo em que há uma certa repulsão dos primeiros em relação aos segundos, existe também um certo grau de dependência dos campinenses com as atividades por eles desenvolvidas, ou seja, não é porque existe essa *repulsão* que eles vão deixar de consumer:

É muitos chegam a discriminar né? Isso, principalmente através da atitude de alguns, como se chega a fazer, muitos chega a se comportar de uma forma negativa, então pra eles todos são iguais, entendeu, chega a discriminar, chegam até dizer palavras indecentes, isso aí a gente tem que relevar né? E aceitar (Engraxate, informação verbal).

Dessa forma é que podemos entender que alguns dos comerciantes informais do Calçadão, não se reconhecem os ambulantes, os quais precisam desse espaço para sobreviver. Como verificamos na fala do vendedor de cintos: “(...) Não me considero ambulante, sou manufaturado, porque eu fabrico na indústria, tanto manufaturado como sapato de couro” (...) (Vendedor de cintos, informação verbal).

Assim alguns não assumem a profissão de fato, chegando inclusive a se reconhecerem diferentes dos demais comerciantes, em função dos produtos vendidos e clientes.

(...) Eu trabalho com relógio, vendo relógio, sou vendedor de relógio original, então aqui pra mim é só um ponto de apoio, um ponto de partida pra tudo pra mim, certo! É, a grande maioria, a grande maioria dos meus clientes não são daqui, são médicos, certo? advogados, entendeu? É, cliente que eu vou na residência dele, ligam pra mim, então aqui eu ocupo o espaço pra fazer o contato (Vendedor de relógios,

informação verbal).

Existe dessa forma uma relação dos ambulantes do Calçadão com o próprio comércio formal a qual se deve principalmente a uma de suas particularidades, que é a variedade de produtos, fator este que contribui para torná-lo singular, se diferenciando das atividades comerciais do resto da cidade.

(...) Aqui se vende de tudo, tem de tudo. Aqui tem dia de Sábado que encosta cara vendendo galinha, eu já vi, já trouxeram até um burro pra vender aqui, cabra, já vi gente passar aqui no sábado puxando duas ou três cabras, passa por algum tempo e vai embora. Carro de lanche, carro de lanche que botou aqui pra vender, botou uma bicicleta ali com tapioca pra vender, quer dizer, isso é uma coisa totalmente fora, agora mesmo você pode olhar ali tem um vendedor de cortador de fruta ali, tem vendedor de meia que tá ali... (Vendedor de relógios, informação verbal).

Outro exemplo de conflito encontrada no Calçadão diz respeito à antiga disputa entre o comércio informal e a Prefeitura Municipal, na qual os proíbe de venderem seus produtos naquele ambiente, ficando restrito a eles trabalharem na clandestinidade.

(...) Uma certa vez, os fiscais chegaram ai pra expulsar todas as pessoas que trabalham aqui, mas coisas que eles não tem o direito de expulsar os engraxantes, pois antes deles existirem os engraxantes já existia, então quando eu chego aqui de manhã umas 7 horas, assim que eu cheguei não podia trabalhar porque eles diziam que agora não poderia mais colocar nada, não podia mais ocupar espaço pro umas certa ordem do prefeito e coisa e tal, e eu aguardei como é que ia ficar, quando eu vi que tava todo mundo colocando eu fui colocar também, eles tentaram mas não conseguiram

aquela meta negativa e não conseguiram alcançar (Engraxate, , informação verbal).

É assim que os arranjos cotidianos deste espaço público se contrastam com os processos “civilizatórios” e disciplinares a eles impostos pelos poderes públicos municipais. Mas ainda assim, eles encontram forma de burlar com o oficialmente estabelecido. Como é o caso da Mulher do Vendedora de jogo do bicho,

(...) Eles ficam só rondando, quando eles vêm de uma vez eles vêm com a policia, pra carregar tudo, como se agente fosse bandido, ai todo mundo grita “olha o rapa, olha o rapa!” Eu mesmo coloco aqui pra dentro ai eles não vem aqui não, porque ai não é mas calçadão, já faz parte do condomínio, mas os outros correm tudo e se escondem, escondem a mercadoria (Vendedora de jogo, informação verbal).

O espaço do Calçadão uma vez tido como público, e, portanto, de uso coletivo, cria a sensação de um pertencimento pessoal, o que favorece assim a sua ocupação, uma vez que, as pessoas começam a se apropriarem estrategicamente ao local, o que *justificaria* assim a sua permanência: “(...) eu trabalho naquele ponto sozinho, pois foi Deus que me deu ai eu trabalho ali e ninguém jamais chegou a querer trabalhar ali comigo, e ate mesmo quando vem pra li não se sente a vontade e prefere se retirar e procurar outro local pra trabalhar” (Engraxate, informação verbal).

Uma questão a ser ressaltada é que as ocupações e demarcações destes territórios nunca são feitas harmonicamente, muito pelo contrário, são caracterizadas assim por disputas e conflitos, onde a intensidade e a frequência com que ocorrem tais confrontos vão depender do tipo de comércio (se são fixos ou não), do tipo de produto vendido, do tempo de ocupação, e dos vínculos afetivos (das amizades), ou seja, os critérios para tais ocupações e demarcações são o tempo e o local. “(...) eu sendo veterena aqui eu não aceito ninguém fique vendendo as mesmas coisas em cima de mim, porque o calçadão tem a ponta de lá e a ponta de cá,

e não ficasse aqui em cima de mim” (Vendedora de jogo, informação verbal).

A ideia primaz do Calçadão como ponto de encontro dos campinenses é algo para alguns, em sua maioria comerciantes estabelecidos formalmente, que ficou para trás tendo em vista a finalidade atual deste território. É dessa forma que percebemos a dinâmica deste espaço único na cidade, por isso sendo merecedor desse estudo aprofundado.

A FOTOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA DE PESQUISA E “NEGOCIAÇÃO” COM O CAMPO

Inicialmente precisamos esclarecer que nesse eixo optamos por trabalhar com a imagem do discurso, paralelo ao trabalho de análise dos informantes. Uma vez que, entendemos a imagem como ferramenta na qual nos possibilita apreender uma dada realidade. No caso específico do *Calçadão* tal realidade, conforme exposto, se apresenta de forma dinâmica e abrange diferentes dimensões de Campina Grande, em um único território.

Outra particularidade do *Calçadão* e que o diferencia de outros espaços da cidade, se caracteriza pela estratégia de diversificar os produtos vendidos de acordo com cada época do ano. O que nos denota que, além de burlar o espaço oficial, os ambulantes buscam redefinir as suas próprias estratégias de vendas, tal como ocorre com o comércio formal ao seu entorno. A exemplo da dinâmica forma de vender, anunciar os produtos, expor as ‘novidades’ e mercadorias novas.

Um detalhe interessante de se perceber é que os ambulantes potencializam vendas e atitudes, de acordo com cada época ou data do ano. Tais como o natal, dia das mães, São João, dia dos namorados e ainda quando da chegada do inverno na cidade, com a venda de guarda-chuvas e, sombrinhas.

Pelas imagens podemos observar que o Calçadão apresenta um caráter *multifuncional*, sendo ao mesmo tempo, um espaço econômico, político e cultural de Campina Grande. Ao que diz respeito a uma de suas dimensões — referentes ao comércio informal.

O *Calçadão* apresenta ainda certas características, pertinentes ao nosso estudo, na qual podemos comprovar através dos nossos registros fotográficos, tais como: ser um espaço predominantemente masculino,

com poucas exceções de algumas mulheres que trabalham ali (geralmente novatas neste espaço) e outras transeuntes; a existência de uma hierarquia, determinada pelo tempo/local/tipo de produto vendido, além das divisões e demarcações feitas do espaço público do Calçadão, já que os diferentes personagens possuem o seu espaço próprio (a árvore dos idosos, a árvore dos engraxates,...).

Também é de acordo com determinadas épocas que se modificam as relações e os conflitos do Calçadão, na medida em que, durante o período de eleições a gestão municipal, aparentemente, pouco ou de forma quase nula, interfere neste referido espaço.

Constatamos que há um crescente comércio e ocupação do *Calçadão*, o que tem gerado conflitos dos ambulantes entre si e destes com a Prefeitura Municipal de Campina Grande (PMCG). Observa-se que, além da diversidade de mercadorias vendidas, há também a acentuação de um conflito remetido à possibilidade deste espaço está sendo explorado economicamente por pessoas não residentes em Campina Grande, mas em municípios próximos. Reeditando assim mais um indicador da potencialidade deste território (vide Figura 3), enquanto resistência à cidade hegemônica.



Figura 3 - Territórios de confrontos e de distintos personagens

Fonte: Pesquisa de Campo, PIBIC.

Dois elementos importantes nesse sentido se destacam que são a proximidade do “Maior São João do Mundo” e as eleições municipais; períodos esses em que historicamente tem se observado na cidade um maior recrudescimento de conflitos entre ambulantes e o público municipal. É notório ainda o confronto, mesmo que disfarçado, entre comerciantes e ambulantes, uma vez que, enquanto espaço é público, estes não podem ocupar a calçada das lojas e comércio. Porém procuram formas de burlar com essas restrições, utilizando para isso e algumas estratégias, a exemplo de carrinhos transportáveis, transporter os produtos nas próprias mãos, colocar a mercadoria em alguma sacola de fácil transporte, entre outras.

Na tentativa de desvendar o *Calçadão da Cardoso Vieira*, enquanto espaço público mais singular da cidade de Campina Grande, trabalharemos também a perspectiva de revelar seus usos e apropriação por parte dos usuários mais antigos utilizando-se da historicidade deste referido local.

Uma discussão que se fez necessária e pertinente à etapa final da pesquisa foi a situação, ainda complexa e por se definir, caracterizada pela expulsão dos ambulantes (vide Anexo) desse espaço. Tal fato nos obrigou a ampliar a análise, com base neste momento diferenciado e posto por novos conflitos e impasses do acirramento na relação entre estes usuários com o poder público municipal (PMCG).

De tal forma que, paralelo a isto, surgiu também a necessidade de analisarmos os impactos que tal retirada teria, ou não, ocasionado ao uso do Calçadão em suas sociabilidades; aqui percebido com território de diferenças e demarcações. Visto que já não seria possível seguirmos em um mesmo nível, das análises anteriores, sem considerar ou pontuar essa nova situação.

Entretanto se, por um lado, tal fato nos levou a perceber outras facetas dificilmente visualizadas com a presença dos ambulantes no Calçadão, a exemplo de uma apropriação mais intensa por parte dos idosos neste espaço, por outro, passou-se a se apresentar, de forma mais aguda o agravamento de uma questão pertinente e crescente na cidade: os novos ilegalismos urbanos, demarcados pela informalidade.

Porém o deslocamento constituído pelas imagens dos ambulantes neste espaço, agora sem a presença de um dos seus principais

personagens (os ambulantes!), continua a se colocar pelo Calçadão como espaço revigorado de sociabilidades. Denotação essa que, logo após a retirada dos ambulantes, considerávamos quase que impossível de acontecer tendo em vista a marca delimitada por tais personagens neste território.

Deste modo para continuarmos a dialogar com a temática da apropriação, inicial à pesquisa e configurada em seus objetivos, passou-se a nos exigir um olhar ainda mais perspicaz: de forma a ler o momento atual de uma outra configuração do espaço público do Calçadão e considerar a sua “nova” demarcação.

O TEMPO NA RUA: A DEMARCAÇÃO DO ESPAÇO DO CALÇADÃO

O Calçadão é designado pelos seus usuários como um espaço público que possui características singulares, e que, apesar das transformações contemporâneas consegue resistir ao tempo, ao se constituir como espaço emblemático de sociabilidade e vivências da cidade de Campina Grande, primeiro por ser o único Calçadão restante na cidade, segundo, talvez, pela própria forma como foi incorporado ao cotidiano de seus usuários:

Não, acho que não só do centro, da Paraíba, né? Acho que é o único Calçadão do mundo, aqui é interessante, aqui o esmole pede dinheiro através do telefone, aqui o queijeiro é doutor, aqui é o seguinte, fiteiro tinha ali fazia curva na esquina, o fiteiro, são coisas aqui que não é moleza aqui. O Calçadão tem coisas que pode rodar o mundo e o Brasil que não tem só se encontra aqui mesmo dentro desse Calçadão (R.A-masc., 50 a, informação verbal).

Isso talvez explique o porquê de o Calçadão da Cardoso Vieira está não apenas acionado como uma memória distante, mas cotidianamente mediado e codificada pela presença, ainda forte e viva, de um passado que o explica e, a um só tempo, o atualiza a partir do próprio sentido que seus usuários lhe configuram. É como estes quisessem reforçar a lembrança de um tempo que, mesmo sendo passado, é acionado para

pensar este espaço contemporaneamente em sua capacidade pública:

É eu vinha com meus pais aqui, sempre estive aqui com eles, ele sempre aparecia, a gente sempre vinha aqui e tomava um sorvete na Flórida, antiga Flórida aí, eu sempre tomava um sorvete, sempre teve o cafezinho aqui que a gente sempre tomou um cafezinho São Braz, o legítimo café São Braz, até fazia uma propagandazinha, uma mídia né? (A. R, masc, 50 a, informação verbal)

Home (sic) faz 50 anos, faz 50 anos que eu frequento aqui o Calçadão, desde que não era Calçadão, era uma praça de táxi, um terreno baldio aqui, vizinho e aqui tinha o café São Braz, era o ponto de encontro de nós aqui. Aí depois que fizeram o Calçadão melhorou 100% (P. S; masc., 78 a, informação verbal).

Neste sentido, o Calçadão é demarcado pela relação tempo/espaço, uma vez que, seus usuários tendem a retomar ao tempo passado para definir o que tem sido o Calçadão hoje. Desta maneira, apesar de o *Calçadão* ser analisado por “um tempo que passou” ainda se caracteriza espaço ativo de Campina Grande. Visto que sua demarcação não se restringe apenas ao passado mas, pelo contrário, através de suas histórias e vivências constituídas enquanto imaginário do campinense:

Desde menino, eu quando tinha nove anos, dez anos de idade eu visitava aqui com Everaldo Agra, um grande líder político de Campina Grande. Eu visitava o Calçadão para que nós tivéssemos direito de discutir política; eu e Everaldo Agra quando era político no tempo da sua grande juventude (...), nós estávamos sempre no Calçadão para conseguir votos e amizades. (Senhor J. A; masc., 66 anos, informação verbal).

O Calçadão me traz boas lembranças da época do Café São Braz, aonde nós conseguimos ter bons amigos, e é por isso que ele me traz grandes recordações do

passado, as boas amizades eu achei no Café São Braz.
(Senhor V.D; masc., 62 anos, informação verbal).

As características acima nos possibilitam falar em termos de certa nostalgia que este espaço representa no imaginário de seus usuários mais fiéis, se assim podemos falar. Característica essa relevante em termos, principalmente, dos inúmeros idosos que diariamente frequentam o local. O que faz com que este espaço ganhe característica de familiaridade, referência, vinculações e, por isso, “uma segunda casa” na qual seus frequentadores mais assíduos e antigos diariamente se re-encontram, quer seja pela imagem que continua viva como lembrança, quer pelas novas possibilidades de facilidades, amizades, deslocamentos que, dentre outras questões, são pontuadas nas falas dos idosos:

(...) aqui foi um canto que a gente familiarizou-se, ficou (...) muitos amigos, lembrança de alguém que morreu aqui mesmo, num banco desses, como há pouco tempo morreu um (...) do coração (...). Essas coisas da vida mesmo. Não é nada de extraordinário, mas que marca a gente, né? (A, masc, 73 a, informação verbal).

Olha, o Calçadão eu tenho como minha segunda casa (...) é aqui onde eu faço as amizades, onde eu converso, onde eu discuto qualquer coisa relacionada a política, a futebol, a outras coisas além disso aí, mas aqui é tudo na vida da gente. (V, masc., 62 a, informação verbal).

Esse característica nos remete àquilo que o Da Matta (2004) traz em seu livro *A casa & a rua*, ao denotar que, ao contrário da imagem sempre negativa como a “rua à brasileira” foi se projetando no imaginário das cidades — “a rua é o local da individualização, de luta e de malandragem — ainda persiste um sentido de vivacidade, revigoramento e sentidos compartilhados por estes usuários na forma de demarcar a cidade e projetá-la pela própria “essência” deste espaço: identidade demarcada pelo que tais usuários reconstituem em suas sociabilidades

e significados em suas trajetórias pessoais. Espaço de iguais e, de forma bastante interessante, distinta do que já foi o Calçadão em um diálogo permanente do hoje é este espaço:

É uma vida, né? Eu aqui (...) provavelmente me criei, eu vim aqui sempre (...) como eu falei e to voltando a repetir com meus pais. E quando eu vinha aqui, eu vinha pra brincar, pra conhecer, guri, criança né? Correndo pra lá e pra cá aqui nesse Calçadão e hoje (...) eu não pensava que hoje seria uma parte da sobrevivência da minha vida, o Calçadão (...) que é o Calçadão, que é como diz o lado profissional aqui (...) (Senhor R, masc, 50 anos, informação verbal).

É interessante pontuarmos que de forma bastante diferenciada os jovens, que não vivenciaram as transformações outrora identificadas nas falas dos idosos e ocorridas no Calçadão, este espaço não é tão atrativo em sua dimensão cotidiana e social; sendo muito mais visualizado pelo que denota como comércio e atividades circundantes: “O Calçadão hoje ele ficou conhecido como um ponto de referencia no centro, tudo que você procura no centro você tem que tomar como referencia o calçadão, ele sai distribuindo todos os setores mais próximos, a relação com a população campinense eu acredito que seja essa” (Proprietário de lanchonete, informação verbal).

Em meio a uma confluência do *é*, do que foi e do que poderá vir a ser o *Calçadão* é destaque a defesa deste espaço por todos que ali frequentam. Seja por este ser considerado um marco histórico para a cidade, seja pela própria relevância que denota no dia-dia dos cidadãos e da própria imagem de Campina Grande. Como se quisessem afirmar que “Campina não tem sentido sem o Calçadão”:

Olha (...) hoje Campina Grande não vivi sem o Calçadão, porque aqui como eu já lhe falei anteriormente, são coisas boas que acontecem aqui. E o Calçadão faz parte da história de Campina, se um dia isso acontecer com certeza a Paraíba e principalmente

Campina Grande vai perder muito (V.R; masc., 62 a, informação verbal).

Olhe veja bem todo canto, por exemplo, no Rio de Janeiro é o Cristo, não é? É o ponto de referência, na França a torre Eiffel e assim sucessivamente, o Calçadão é a referencia de Campina Grande, não pode sair daqui não. Se sair Campina morre (...) (A. F; masc., 57 a, informação verbal).

Através deste aspecto é possível compreender a presença da resistência das ruas, no cotidiano desses frequentadores, que reclamam pelo assim direito à cidade (Lefebvre, 1968) em seus usos e contrausos, na forma como a cidade é *utilizada, trabalhada, disputada e, distintamente, apropriada*. *O que consequentemente passa por uma leitura da experiência individual, histórica e social vinculada a todo um contexto de resistência e referências refeitas cotidianamente sobre um mesmo lugar* (CERTÉAU, 1994):

(...) o que tem o suficiente é apenas a referência pessoal, mas com certeza teria que mudar mais o aspecto, a condição da gente ter o direito tá sentado, buscar uma melhor organização em termos de distribuição aqui, a questão de (...) do pessoal que trabalha com calçadas, do pessoal que vende aqui as bugigangas, acredito que na hora que pensar em ordenar e organizar essa parte aí o Calçadão tem tudo e Campina Grande vai ganhar muito mais (A. V; masc., 62 a, informação verbal).

Os bancos (...) a gente olha os bancos pra sentar, não tem condições, né? É um negocio desses que faz 20 anos que fizeram isso, não mexeram mais aqui, eu olho aí a iluminação, olha que coisa linda aí, olha que produção bonita aí, né? Em tempo de encostar nesse poste levar um choque e morrer, isso não é coisa que e faça para um Calçadão, onde vem pessoas do mundo todo, eu digo do mundo todo porque aqui todo turista que vem aqui no mês junino vem aqui no Calçadão

conhecer o Calçadão e vê isso fica decepcionado, com a sujeira, com a falta de higiene (...) é tanta coisa aqui que se for falar, dá pra fazer um livro de 300 páginas, não é moleza aqui e é pesado aqui(...) (R.P; masc., 50 a, informação verbal).

(...) agora o que nós precisamos é uma reforma , quando passar esse período político, que haja uma reforma do Calçadão pra fazer uma menina de 14 anos, porque nós estamos hoje com uma pessoa de 60, 70 anos, mas o governo pode transformar o Calçadão, tirar de 60 e botar na praça uma garota de 18 anos (J.A; masc., 66 a, informação verbal).

Dessa maneira e através das itinerâncias sobre esse lugar e as transformações dessa paisagem, que é física, mas essencialmente cultural e socialmente constituída, que os usuários observam e reconstituem a leitura deste espaço apenas físico/material, mas, sobretudo denotado por uma dimensão política, econômica, social, cultural. Deste modo partilham as vivências e sociabilidades deste espaço; tema da subseção seguinte.

OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES: VIVÊNCIAS DO CALÇADÃO

Além dos aspectos já ressaltados, pode-se inferir que o Calçadão é um espaço público utilizado tanto pelos que lá frequentam diariamente, quanto por transeuntes comuns que estão apenas de passagem; dentre os usos que se destacam como peculiares à própria vivência deste espaço se destacam : o cafezinho São Braz, as farmácias, a Lanchonete do Henrique, a esquina, o vendedor de queijo, os chaveiros, a sopa da noite (especialmente voltada aos moradores de rua, em um trabalho de cunho filantrópico), dentre outros.

De tal modo que recorrer a um deste espaço, é utilizar e otimizar aquilo que de mais visível e compreensível tem por característica o Calçadão: a diversidade de usos e leituras em distintos usuários. Portanto, ir ao Calçadão representa não apenas *está, se fazer presente*, mas permanentemente reinventar este lugar em Campina Grande, através do este possa ou tem a possibilitar quem o frequenta:

Tomar um cafezinho, trocar outras ideias (...). Um encontro, uma farmácia pra comprar alguma coisa (...). Que é um-local bom (...). É um cafezinho, conversar, comprar um troço que em casa tá precisando (...). E passar o tempo da manhã pra retornar pra casa novamente, né? (Senhor A, masc, 73 anos, informação verbal).

É mais o dia-a-dia do contato com o futebol, porque eu sou ligado no mundo do futebol e aqui é onde eu tenho contato, as referencias dos jogadores, outras novas amizades que surgem e aí a vida da gente passa a ser esta (...), não só as amizades, mas como também os contatos pessoais e trabalhistas. (V.P, masc., 62 anos, informação verbal).

Paralelo a esta imagem destaca-se que o Calçadão é um espaço voltado tanto para o trabalho, haja visto que, este local ser tradicionalmente conhecido pelas atividades comerciais, podendo servir também como escritório de outras atividades, ou ainda oferecer oportunidades para os que estão fora do mercado de trabalho; dado as redes de sociabilidades que aí se estabelecem:

Eu trabalho na área de eventos, né? Aí aqui é meu escritório, é grande né? Arejado, ventilado, o ar condicionado tem hora que fica o clima muito frio, aí nunca foi quente aqui, que é um tremendo corredor, então eu sempre estou por aqui, eu sempre to ganhando a vida como sempre ganhei aqui nessa área de eventos (...) aqui é o escritório dos artistas, do músico ali, aqui é do futebol, aqui é dos garçons. (...) Aqui cada um tem seu escritório aqui, por aqui (...) principalmente os engraxates também aqui, é uma área deles muito antiga também, né? Muita antiga (...) tem o comércio ali de doutor Edson, do queijo, (...) chaveiro, Lourival, muito antigo aqui também no Calçadão e o chaveiro central também (R.P; masc., 50 a, informação

verbal).

“Pra sair da rotina, pra eu não tá só em casa, pra tá (...) conversando com os amigos mesmo, pra tá procurando um emprego, né? Falando a um e a outro, pra ver se a porta do emprego se abre” (B. J; masc., 50 a, informação verbal).

“É... Eu sou radialista, operador de áudio, aí no momento eu tô desempregado, então aqui (...) eu tenho contato com rádio, com televisão com (...) todo mundo (...)” (P. J; masc., 50 a, informação verbal).

Este local traz um aspecto muito importante no que se refere as relações de sociabilidade desenvolvidas nele, sendo por isso um local de encontro com o outro, no qual eles partilham experienciais, dividem suas vidas e fazem boas amizades. “Aqui eu vivi os melhores momentos, com as amizades que eu consegui até hoje, eu sou agradecido por isso, e as coisas melhor que eu consegui até hoje, as amizades aqui em Campina Grande foi aqui justamente no antigo café São Braz” (D. V; masc., 62 a, informação verbal).

Seria esta a nova ágora grega? Assim como na ágora, no Calçadão se discute sobre tudo: desde política, futebol, religião, cultura, economia, dentre outros assuntos referentes à vida pública, e, até da vida privada. Por isso, o *Calçadão da Cardoso Vieira* é conhecido também como central da fofoca e dos boatos:

(...) aqui se discute e se debate tudo, da política, ao futebol, a religião é aqui no Calçadão, não tem outro canto, pessoas tomam café de manhã, e vem pra o Calçadão para saber o que é que tá acontecendo, o que é que se vai passar o que é que vai acontecer, aqui tem tudo, tem muito mentiroso também (risos), e não é moleza. É como em todo local, mas aqui é o centro, tá entendendo como é que é? O Calçadão aqui não é moleza não (P.R; masc., 50 a, informação verbal).

Tal como na ágora grega percebemos que o *Calçadão* possui ainda uma característica vinculada a este, no que se refere à presença da

questão de gênero no uso do espaço público. Pois, se na ágora todos os não cidadãos eram afastados da vida pública, no Calçadão são as mulheres, que têm poucos lugares reservados às atividades comerciais ali praticadas, sendo este quase que um espaço a estas não reservadas:

(...) faz três meses que eu to aqui com a minha irmã, minha irmã faz mais tempo do que eu. Quando ela veio pra cá, pra ficar aqui tinha outra pessoa no lugar, a gente ficou no lugar dessa pessoa, porque essa pessoa vinha um dia faltava dois, até ai ficando no ponto. Essa pessoa não era daqui, era de Pernambuco, ai a gente foi ficando no espaço deles. (A.B, 20a, Vendedora de adesivo de unhas, informação verbal).

Dentre tantos temas citados acima, é relevante destacar o enfoque que se dá ao futebol local, na medida em que este leva ao debate, e as divergências, que dividem torcedores do Treze e do Campinense:

Sou um rapozeiro doente (...). Sou Campinense de coração e junto com esses amigos pra discutir (...). Conversa fiada de disse e não disse, se o Campinense tá classificado, se classifica ou não classifica, torcendo contra o treze... Que o rapozeiro torce contra o Treze. Não existe inimigo pela metade é inimigo inteiro... Eu sou rapozeiro e sou contra o treze quero que ele apanhe até do pior time do mundo (...) do Íbis. (A.Z; masc., 73 a, informação verbal).

Não o Calçadão ainda de tudo que eu já falei, relata um ponto principal, no Calçadão aqui quem é Trezião vive momentos de felicidade, porque o treze hoje no Calçadão é um fenômeno total e graças a Deus, ele agora se reabilitou e nós iremos agora na próxima segunda-feira discutir mais uma vitória do treze e essa discussão é realizada no Calçadão, que é o grande fenômeno de Campina Grande. (J.A; Masc., 66 a, informação verbal).

No Calçadão é principalmente a (...) solução de Campina Grande, o que Campina Grande tá precisando é discutido no Calçadão. No Calçadão discute e leva pra empresa, a empresa divulga, muitas vezes até eu (...) de governo, de prefeito, de deputado, divulgo os erros e tenta e resolver, significa dizer que o Calçadão é de uma grandeza. (JA, Mac, 66 anos, informação verbal).

Dessa maneira o cotidiano do *Calçadão*, com seus bate-papos, diferentes discursos, a interação dos frequentadores contribui significativamente para se entender a vida social do cidadão campinense, sendo por isso considerado o termômetro da Cidade. São a partir desses enfoques que podemos entender a funcionalidade do espaço público em Campina Grande.

OS TIPOS URBANOS: OS PERSONAGENS DO CALÇADÃO

Ao passar pelo *Calçadão da Cardoso Vieira* o que mais nos chama a atenção são os diferentes tipos urbanos que ocupam e revestem de sentido este local, ou seja, traz à tona a noção de territorialidade, na medida em que, percebemos claramente a demarcação deste território e, como já referido, sua apropriação.

Estes tipos urbanos usam deste espaço de forma diferencial. Em suas relações diárias a cidade é utilizada com outro olhar, diferentemente do que prega as relações mercantis ao utilizar a cidade apenas para espaço de consumo.

Dessa forma, podemos considerá-los como indivíduo ou grupos de indivíduos que reinventam a cidade, seja através dos seus discursos, das suas reivindicações ao reclamarem para si a cidade, ou ainda através das expressões culturais, neste sentido eles se direcionam contra o pensamento hegemônico.

Dentre os tipos urbanos presentes no *Calçadão*, podemos destacar a presença de: ambulantes, engraxates, comerciantes formais, políticos, professores, artistas, intelectuais, aposentados, e ainda, traficantes, prostitutas e drogados. Conforme traz o Jornal da Paraíba

(...) é conhecido como o coração da cidade, o lugar

onde tudo acontece e de onde tudo se vê. O Calçadão da Rua Cardoso Vieira é o *tradicional ponto de encontro de aposentados, artistas, intelectuais, professores, políticos, (...), mas também onde acontece o “comércio negro” das armas, mortes, drogas, assaltos e prostituição. É o palco dos artistas de rua, cantores de ocasião, pregadores do evangelho e contadores de piada. É o canto do fuxico e da fofoca.*” É a boca maldita. “Boato bom e ruim, tudo começa aqui.” como diz os mais antigos comerciantes do local. O local parece ter encanto. (...). Quem vê não acredita que o local possa ser o termômetro da cidade (Grifo nosso!). É uma rua estreita e pequena, com alguns bancos para sentar e pequenos comércios (...). Pelo local diariamente passam milhares de pessoas (...). O Calçadão tem personagens pitorescos que são o charme do lugar. Entre as “figuras” mais conhecidas está o “Gordo do Calçadão”, (...) que frequenta o ponto há mais de 20 anos (...). A rua tem o canto especial onde os garçons se agrupam, o local onde o pessoal do Fisco “bate o ponto”, o lugar onde as bandas costumam se apresentar, a ponta da feira de troca.” Cada categoria tem seu canto de bate papo e negociações”. Disse um “jurássico” do Calçadão, o Advogado Wellington Barbosa do Nascimento, mais conhecido como Wellington do Queijo. Ele é um dos mais antigos ocupantes da área e sua barraca é ponto de referência na área. Wellington classifica o Calçadão como catedral da política, do futebol e da fofoca, onde “qualquer boato se espalha feito um rastilho de pólvora”. (...) Outra figura folclórica da área é “Biu do Violão”, fã ardoroso de Roberto Carlos. De chinelo no pé, boné na cabeça e um violão na mão, o “Roberto Carlos do Calçadão” dedilha seu violão enquanto entoa velhas canções do rei aos fregueses que tomam calmamente seu cafezinho, num dos pontos mais tradicionais do Calçadão, (...). Tem também Toinho do Triângulo, que apesar de ser analfabeto, desenrola nos

bancos todos os “ pepinos “ que os comerciantes da área lhe pedem. Tem Ronaldo, o Seresteiro, (...). É comum encontrar também por lá “Edvaldo Coto”. Ele anda sempre com uma Bíblia debaixo do braço, (...). Para todos esses frequentadores, o Calçadão é um lazer (...)⁸.

Cada grupo desse procura se utilizar do Calçadão da maneira que podem seja através do trabalho, das relações de sociabilidades, das atividades ilícitas, entre outras, e, neste território, percebemos que há uma relação de hierarquia de alguns grupos sobre outros. Com isso uns usufruem mais e outros menos do Calçadão:

Usufriui sim de uma maneira ou de outra, uns mais e outros menos, né? Você tá vendo aqui tem engraxate, tem (...) doído, tem tudo quanto não presta, aqui tem, (...) veado (...), porque tem mesmo não é mentira, não (...). Não, aí é pensamento meu (...), uns mais e outros menos pelo poder aquisitivo, né? Uns tem mais outros tem menos. Quer dizer, cada um leva sua vida, você faz seu jogo ali, toma um cafezinho pequeno, já outros, engraxa o sapato (...) outros tem outros negócios aí de (...) emprestam dinheiro a juros. E há poucos dias sabe como era isso aqui mesmo com aquele povo vendendo telefone irregular, aí e tudo (...). E o povo dizia não sai, e eu digo sai no dia em que o poder quiser, olha o resultado, ninguém bota mais nada aqui. (A.P; masc., 73 a, informação verbal).

Neste sentido um dos grupos estigmatizados são dos ambulantes, no qual a maioria dos entrevistados os percebem como aproveitadores e, espantosamente para nós, de péssimo caráter, ao tomarem para si um

8 CALÇADÃO chega aos 25 anos e se mantém como centro de irradiação. JP, 29 set.2003. (Caderno Cidades - Helda Suene). Ressalvamos aqui o erro de data, presente nesta manchete, visto que a inauguração do Calçadão data de setembro de 1975.

espaço que, originalmnete, é público.

Home foi a melhor coisa que já fizeram, porque aqui tinha de tudo, aqui se vendia maconha, se vendia revolver, se vendia celular roubado, se fazia de tudo aqui. Aqui de tudo se encontrava, o caba, ladrão, tinha de tudo aqui, aqui era um ponto de encontro só de maconheiros, tinha alguns homens de bem, mas no meio tinha muitos misturados, inclusive celular roubado. Roubaram o meu também aqui no Calçadão. Aqui a gente até ver preso com revolver, vende revolver aqui, inclusive pegado até pela polícia, que pegou o menino aqui, e saiu com ele aqui, o caba vendendo revolver, porque aqui é o canto do caba vender drogas, porque eu conheço daqui umas duas ou três pessoas com esse negocio de vender muamba, drogas, esse negocio que eu vejo vender. Aqui é um ponto que graças a Deus depois que o cabeludo resolveu tomar as providencias de tirar esse povo que vivia de vender esses negócios, ficou outro aspecto na cidade, porque ficava um negocio muito esculhambado aqui no Calçadão, mas graças a Deus as autoridades resolveram retirar. Falta agora o nosso prefeito fazer uma remodelação aqui no Calçadão, que é só isso que tá faltando, mas nada (S.S, masc, 78 a, informação verbal).

Portanto, ao simples observador, essa vivencia desses personagens num único espaço pode ao primeiro momento parecer simples e harmoniosa, mas como bem já colocamos, não é bem assim, os indivíduos e grupos usam este espaço de diferentes maneiras, cada um buscando construir uma identidade com o local. Pertinente a esta discussão cabe analisar a retirada dos ambulantes e as consequências, para o espaço do *Calçadão* e seus personangens.

A “DIÁSPORA” DOS AMBULANTES

Optamos por trabalhar pelo conceito de diáspora, uma vez que, compreendemos que a retirada dos ambulantes do Calçadão não foi meramente uma iniciativa para deixar o espaço público livre para circulação, mas antes de tudo, uma estratégia hegemônica perpassada por questões políticas, econômicas e sociais.

De acordo com o dicionário da língua portuguesa, a palavra diáspora se refere a “dispersão de povo(s) em virtude de perseguição de grupo(s) intolerante(s)” (FERREIRA, 2001, p.235). O que não deixa de ser aplicado ao *Calçadão da Cardoso Vieira*, com isso segue a análise abaixo:

TRANSFORMAÇÕES PROVOCADAS PELA REALOCAÇÃO

Falamos anteriormente que o Calçadão da Cardoso Vieira é de extrema importância para a cidade de Campina Grande, não apenas por representar um marco histórico de Campina Grande, local cheio de sentidos e significados. Mas, como o cidadão campinense interpreta o Calçadão com seus personagens e sujeitos urbanos?

Uma pista que nos ajuda a esclarecer essa pergunta é dada pela Figura 4. Nela, vemos a demarcação e representação feita pelos Campinenses sobre o Calçadão, e publicada em uma famosa rede social.



Figura 4 - Demarcações do Calçadão

Fonte: <https://www.facebook.com/cgdepressao?fref=ts>.

Assim a imagem apresenta um Calçadão dinâmico, movimentado e territorializado, nos mostrando os arranjos sociais de Campina Grande. Porém mesmo com tanta dinamicidade uma decisão judicial, deixou temporariamente o *Calçadão* praticamente vazio, como podemos observar na Figura 5, e que muitos espantou os seus frequentadores e cidadãos.



Figura 5 - O Calçadão em uma situação atípica

Fonte: Pesquisa de Campo, PIBIC..



Figura 6 - Fiscais da Secretaria de Obras da PMCG

Fonte: Pesquisa de Campo, PIBIC.

As imagens acima (Figuras 5 e 6) foram registradas dois (02) dias após o cumprimento da execução de uma ação judicial, a qual teve por finalidade a retirada de todos os ambulantes do *Calçadão*. Esta ação contou com a participação de policiais militares e agentes de fiscalização da Prefeitura Municipal de Campina Grande- PMCG, estes últimos ainda permanecem no local para assegurar que os ambulantes não retornem. Todas essas mudanças ocorridas neste espaço afetaram de forma significativa o cotidiano do *Calçadão* e de seus frequentadores. O que nos chamou muito a atenção foi perceber que com essas mudanças aumentaram o número de idosos que o frequentam e utilizam sob novas brechas (vide Figura 7).



Figura 7 - O *Calçadão* em meio à ausência dos ambulantes

Fonte: Pesquisa de Campo, PIBIC.

A partir do exposto pode-se inferir que o *Calçadão*, apesar de sua tradicional característica de agregar distintos personagens da Campina Grande, se transmuta por dinâmica locais, diretamente vinculadas ao desemprego, ao trabalho informal e a precarização das condições de trabalho na cidade.

À PROCURA DO “ESPAÇO PROMETIDO”

Os ambulantes expulsos do seu local de trabalho e abandonados pelo poder público, se viram sem ter para onde ir, iniciando assim uma jornada a procura de um-local, onde pudessem exercer suas atividades:

Não a gente quando tava lá no Calçadão foi decretada a lei do juiz pra nós sair daquela área, e entrar procurar outra área que o juiz não tivesse dado (...) a palavra pra nós não ficar, nós viemos pra cá (...), depois houve outro problema a mesma coisa, nós saímos daqui fumos pra aquela rua da CAGEPA, lá como tava dando nada mesmo nós viemos pra aqui que é o lado do Capitólio, num empata nada de trânsito, nem problema de povo pra ta empatando (A.V; masc., 62 a, informação verbal).

O local *escolhido*, ou melhor, mais apropriado na opinião deles foi o Capitólio, que é um prédio histórico de Campina onde funcionou um antigo cinema. (Vide Figura 8).



Figura 8 - A ocupação do antigo cinema Capitólio, pelos ambulantes do Calçadão

Fonte: Pesquisa de Campo, PIBIC.

Apesar do Capitólio não ser, segundo os ambulantes, vantajoso no sentido das vendas, este é apontado como a única solução encontrada por estes como forma de resolver ou minimizar os problemas decorrentes das inúmeras situações de eilegalismo que o trabalho de rua envolve. Uma vez que, para os ambulantes, o referido prédio poderia ser reivindicado à PMCG como solução de suas situações. Entretanto, até o presente momento, a PMCG não viabilizou a sugestão posta pelos ambulantes. Exemplo disso reside o anúncio da revitalização do Prédio do Capitólio sem, entretanto, incorporar os ambulantes.

Segundo proposta recente, a revitalização do prédio se dará por meio de uma parceira público-privada (PPP), ficando reservado ao empresariado local o uso do imóvel e, neste sentido, agravando ainda mais a situação dos ambulantes oriundos do Calçadão e que, hora, se encontram fixados e reutilizando o espaço do Capitólio para fins comerciais.

Um dos projetos da gente, que a gente inclusive tem até um sindicato. Um dos projetos da gente seria aqui no cinema né? Que hoje ela tá guardando barata, insetos, (...) o pessoal aí se drogando. Depois que a gente veio pra aqui, a gente deu mais uma acalmada, o pessoal se afastou mais o pessoal que só vivia usando droga aqui neste estacionamento, a gente conseguiu afastar mais o pessoal e (...) um dos projetos da gente seria este cinema (J.R; masc., 29 a, informação verbal).

Nesse sentido os ambulantes reivindicam, lutam e correm atrás de uma solução por parte da PMCG, para que eles possam garantir a sua sobrevivência através do trabalho.

Com certeza eu acredito que dá mesma forma que na época que Cássio foi prefeito de Campina, eu acredito que a prefeitura ela hoje tem capacidade de oferecer um lugar melhor pra gente trabalhar, porque quando Cássio foi prefeito, Cássio fez esse shopping Edson Diniz, Cássio fez as ARCCAS [Áreas de Recreação, Comércio e Cultura ao Ar Livre] tanto a ARCCA Titã

como a ARCCA Catedral e tirou os camelôs da rua facilitando melhor até a passagem dos pedestres e melhorando a vida dos comerciantes (S.J; masc., 30 as, informação verbal).

Conforme se definem, os ambulantes desejam:

Simplesmente uma identidade, dar uma identidade para todos os comerciantes informal. Como é essa identidade? Se o prefeito hoje ele na gestão dele ou qualquer secretário ele tem a identidade dele, todo dia ele sabe o que ele vai fazer, onde ele vai fazer e todo mês ele sabe qual a quantia que ele vai receber. A identidade que a gente queria era simplesmente um local digno pra gente trabalhar e saber que a gente, todo dia e saber que ninguém nunca ia tirar a gente dali, e, simplesmente só isso mesmo, essa identidade um local certo pra nós comercializar (P. G; masc., 30 a, informação verbal).

Mais do que isso esperam do Poder Público, a perspectiva do Capitólio abre uma outra possibilidade de leitura dos espaço públicos em Campina Grande. De forma que tais trabalhadores, possam assim regularizar a sua situação para acabar de vez com um conflito entre trabalho informal e poder público.

TRABALHO INFORMAL X PODER PÚBLICO

A pesquisa em campo contribui para aguçar nossa percepção crítica, nos fazendo enxergar que o trabalho informal realizado no centro da cidade de Campina Grande, principalmente no nosso objeto de estudo, “o Calçadão”, é revestido pelos aspectos políticos, econômicos e sociais.

Neste sentido, percebemos que essa ação constituiu muito mais uma estratégia de higienização do espaço público, do que qualquer “boa ação do poder público para permitir a livre circulação das pessoas”, haja vista, a época desta diáspora ter sido realizada a menos de um

mês do Maior São João do Mundo, ou seja, a iniciativa real era manter a cidade “limpa” aos olhos dos visitantes.

Mas como em todo processo de higienização, cabe a pergunta: O que fazer com estas pessoas que saíram do *Calçadão*? A resposta do poder público foi simplesmente, *nada*. Deixá-los a própria sorte? Sim, pelo menos por enquanto, dado o processo eleitoral. Como consta no discurso abaixo:

Eu acredito que a prefeitura tinha (...) tinha não, tem capaz, ela tem, como nos ceder um espaço pra gente trabalhar, porque sabemos que a gente estamos aqui provisoriamente, nós estamos aqui hoje e não sabemos se vamos estar amanhã, por quê? Porque nós estamos num período de política e eles não vão querer mexer com nós agora, mas eu acredito que passando a política eles vão nos tirar daqui (A. J; masc., 30 a, informação verbal).

É, pra mim é uma injustiça né? É uma injustiça porque, se da mesma forma que ele se senta em reunião pra nos retirar de um-local né? Que eles acham e, realmente a gente reconhece que é errado, o local que a gente tava comercializando, mas, eles também já estudaram e pensaram de que forma aquele cidadão ali, aquelas pessoas ali vão viver agora? Onde que aquelas pessoas vão tirar o sustento delas vão comercializar os produtos deles, eles já pensaram. Tem que pensar nisso também (G.Z; masc., 30 anos, informação verbal).

Por isso consideramos que está iniciativa foi um jogo político e econômico, em virtude dos interesses hegemônicos. Os próprios ambulantes têm consciência desse fato:

O problema é social e quem resolve problema social é o poder público e até agora nenhum deles se levantaram pra dizer assim, vou tomar a causa de vocês, vou resolver a causa de vocês. Agora, isso tudo pra

beneficiar grandes empresários, Como vocês tem visto aí, né? Como até você falou agora os Calçadões de Campina Grande, praça, né? Que tinha bastante aqui no centro da cidade, como na Maciel Pinheiro, na Marquês do Herval e demais locais no centro de Campinha Grande. Foi desmanchado todos pra fazer ruas, abrir mais espaço pra beneficiar os grandes empresários. Como vocês têm conhecimento tinha comércio na Maciel Pinheiro, tinha Calçada na Maciel Pinheiro e foi tudo desmanchado, só pra que? Beneficiar as grandes lojas e os pequenos comerciantes informais? Os pequenos grandes (...) né? A gente, como (...) cidadão, né? Empresário, tem o direito de trabalhar. O pequeno comerciante também tem (R.P; masc., 30 anos, informação verbal).

Porém como todo movimento está inscrito em uma dialética, os ambulantes não iriam ficar imóveis diante dessa situação, utilizam-se, pois dos contrausos (Vide Figura 9, logo abaixo) e resistências urbanas.



Figura 9 - As resistências no Calçadão

Fonte: Pesquisa de Campo, PIBIC.

AS ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIAS E BURLAS

As observações feitas em campo também nos mostraram que apesar de toda essa fiscalização e confronto realizado com os ambulantes, estes conseguem burlar (Vide Figura 10) o oficialmente estabelecido, seja através do retorno ao local proibido em outros horários que não fiscalizados, seja pela própria resistência e manifestação.



Figura 10 - Engraxates que resistiram à expulsão

Fonte: Pesquisa de Campo, PIBIC.

Assim quando acaba o turno dos fiscais da PMCG, alguns ambulantes retornam ao *Calçadão*, como podemos ver no discurso do nosso entrevistado:

(...) eles ficam aqui durante o dia (os fiscais) e quando chega mais ou menos de cinco pra sei horas, uns (ambulantes) ainda vem vender as suas bugigangas, depois de seis horas, quando eles saem. Eles vendem quando eles saem mais é coisinha pouca, é uma minoria, é uns dois ou três que ainda vem vender umas

bugigangas ai, depois que os fiscais saem, porque enquanto os fiscais estiveram aí eles não vem pra aqui (S.J; masc., 78 a, informação verbal).

Outra estratégia bastante utilizada durante o período mais tenso, foi a substituição da mercadoria que antes era vendida ou ainda , de pessoas que abandonam seus serviços temporários, para venderem sombrinhas. Passado o período mais tenso do confronto, conseguimos registrar que os engraxates burlaram com a ordem posta e permanecer no *Calçadão*.

Portanto, fica claro que as resistências urbanas feitas não apenas pelos trabalhadores informais, mas por todos aqueles que usam e se apropriam do *Calçadão da Cardoso Vieira*, acionando-o como espaço voltado ao trabalho de inúmeras famílias que dali sobrevivem.

O *Calçadão da Cardoso Vieira* pode ser lido enquanto espaço público demarcado físico e simbolicamente pelos seus frequentadores. Em uma demarcação caracterizada pelas atividades comerciais e as formas pelas quais a comunidade local se apropria do mesmo. Elemento singular de sociabilidades, conflitos, trocas e sentidos construídos por diferentes ritmos e identidades desse espaço.

Situamos que a destinação dada a certas unidades do tecido no ambiente urbano e, neste contexto, ao discurso de requalificação do centro de Campina Grande, expressa significativamente pelo tipo de uso historicamente dado ao *Calçadão*. Elemento de expansão de contrausos, este espaço impõe hoje outras paisagens que fortalecem, mesmo que de modo “ilegal”, a localização da atividade econômica local; descreve ócios e formas de lazer bastante ricas e presentes em Campina Grande. Daí poder ser considerado o mais emblemático espaço público da cidade.

Verifica-se, assim, dois tipos de conflitos bastante persistentes ao dia-a-dia do *Calçadão*; o *primeiro* diz respeito ao próprio espaço físico já que lá devido às proporções geométricas não comporta todos de forma satisfatória, para que possam desenvolver suas atividades econômicas. Ou seja, há uma “luta silenciosa” pelos melhores espaços, ou seja, aqueles onde possam promover os melhores contatos tanto visuais dos produtos ou físicos com os transeuntes.

Um *segundo* conflito pode-se destacar ao que tange o aspecto da

exclusividade de algum produto que se comercializa, dependendo da época e demanda. De maneira que as disputas operacionalizadas vão sendo mapeadas dentro lógica de uma lógica peculiar de mercado e distinta de outros espaços da cidade.

Outro fato a ser destacado é a percepção das burlas que os ambulantes utilizam no *Calçadão*, forma de se perceberem como iguais, em termos de atividades econômicas. Há uma espécie de código daquilo que se vende troca ou repassa que é um critério, para que se sejam bem visto ou aceito; tal burla é acionada também por comerciantes formais que, de forma muito recorrente, tentam disfarçar a presença de conflitos mesmo não desejando compartilhar aquele espaço com os ambulantes.

CONSIDERAÇÕES

O *CALÇADÃO DA CARDOSO VIEIRA* SE CONSTITUI NO ESPAÇO PÚBLICO MAIS singular da cidade de Campina Grande, dado seus usos e apropriação, por parte dos usuários, acionadas através dos elementos de historicidade do centro em sua rugosidade.

No que diz respeito às inserções territorializadas, cada grupo procura ocupar uma área específica que favoreça o seu tipo de comércio, utilizando-se de uma lógica de organização bastante peculiar. Neste sentido, o Calçadão apresenta várias divisões sendo por isso territorializado por diferentes grupos. Assim existe um lugar demarcado estrategicamente entre os ambulantes e suas definições de quem entra, saí ou permanece nos espaços reservados à venda de celular, relógio, meias, calçados, roupas, CD's, DVD's, produtos alimentícios, frutas, legumes, brinquedos, entre outros.

Paralelo a esta imagem destaca-se que o *Calçadão* é um espaço voltado tanto para o trabalho, haja visto que, este local ser tradicionalmente conhecido pelas atividades comerciais, podendo servir também como escritório de outras atividades, ou ainda oferecer oportunidades para os que estão fora do mercado de trabalho; dado as redes de sociabilidades que aí se estabelecem.

As análises tiveram por finalidade o entendimento, por meio da observação sistemática em campo, perceber como se situam as relações sociais e econômicas no *Calçadão da Cardoso Vieira*. Já que aquele espaço físico foi criado com a finalidade de ser uma área de lazer e divertimento, voltados aos campinenses. Porém, o Calçadão resiste e é ocupado por outros fins, a exemplo da prática do comércio.

Sendo, assim, percebemos a alteração dos usos do *Calçadão*, também nomeado como ponto estratégico do comércio informal no centro, ou seja, aqueles que trabalham de forma autônoma sem relação jurídica e financeira com qualquer indústria, os que lá estão formam arranjos sociais bastante interessantes.

Por meio das relações econômicas observamos uma outra singularidade que, passando de forma corriqueira pelo local, talvez facilmente não se perceba. As relações entre transeuntes, os conflitos entre comerciantes formais e ambulantes, quase sempre velados, os motivos que levaram ao longo do tempo a modificação da finalidade do *Calçadão* e até mesmo os significativos sentidos (não apenas econômicos!) para inúmeras pessoas que dali retiram suas próprias sobrevivências.

Foi possível perceber que o *Calçadão*, além da finalidade econômica, tem um significado de valor simbólico para aqueles que lá ocupam. O território aí constituído tem todo um aspecto de sociabilidade e vivência afetiva de seus ocupantes e frequentadores, acionada cotidianamente por certa manutenção de laços afetivos com o lugar.

Entretanto se, por um lado a expulsão dos ambulantes nos levou a perceber outras facetas dificilmente visualizadas com a presença dos ambulantes no *Calçadão*, a exemplo de uma apropriação mais intensa por parte dos idosos neste espaço, por outro, passou-se a se apresentar, de forma mais aguda o agravamento de uma questão pertinente e crescente na cidade: os novos ilegalismos urbanos, demarcados pela informalidade.

Desta forma verifica-se a sobrevivência de um espaço que não é apenas o meio de trabalho, para aqueles que ali desenvolvem suas atividades. O *Calçadão* provoca um sentimento comum à Campina Grande em sua manifestação política, cultural e social o de forma quase que exclusiva e intermitente.

Porém o deslocamento constituído pelas imagens dos ambulantes neste espaço, agora sem a presença de um dos seus principais personagens (os ambulantes!), continua a se colocar pelo *Calçadão* como espaço revigorado de sociabilidades. Denotação essa que, logo após a retirada dos ambulantes, considerávamos quase que impossível de acontecer tendo em vista a marca delimitada por tais personagens neste território.

Apesar de todos os problemas relacionados e identificados como

conflitos na forma de ocupação, territorialização e precarização das relações de trabalho no *Calçadão*, este não se restringe apenas a isto. Muito pelo contrário, este é um território vivo de Campina Grande, que consegue resistir ao tempo — claro, que não sem mudanças — através das inúmeras resignificações que os seus frequentadores fazem deste espaço, guardado não apenas na memória, mas no cotidiano dos campinenses. Ambulantes, comerciantes formais e transeuntes trazem para o *Calçadão* uma extensão da própria dinâmica da cidade. Assim sendo, é esta mesma dinâmica que o faz ser o que é — o *Calçadão da Cardoso Vieira*, ponto de irradiação de Campina!

REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: 34/Edusp, 2008. 400p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. Globalização e civilização: de onde vem e para onde vai essa relação? In: MOREIRA, Eliane Monteiro; VÉRAS, Roberto (Orgs.). **O fenômeno da Globalização em perspectiva local e multidimensional**. João Pessoa: UFPB, 2008.

CORADINI, Lisabete. **Praça XV**: espaço e sociabilidade. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes: Letras Contemporâneas, 1995.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DE LÉON, Adriano. **As tramas das falas**: a análise de discurso como ferramenta de interpretação. In: DINIZ; BRASILEIRO; LATIESA (Orgs.). 2005.

FELDMAN-BIANCO, Bela; MOREIRA LEITE, Míriam (Orgs.). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. 3.ed. Campinas: Papirus, 1998. 319p.

FERRARA, Lucrécia D' Alessio. **Cidade**: imagem e imaginário. In: FERRAZ; PESAVENTO (Orgs.). 2008.

_____. As máscaras da cidade. **Revista USP** n. 5 – Dossiê Cidades. mar. – maio /1990. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp.htm> > Acesso em: 21 fev.2009.

FORTUNA, Carlos. Cidade e urbanidade. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Marcelo Proença (Org.). **Plural de cidade**: novos léxicos urbanos. Coimbra (Portugal): Almedina/CES, 2009.

FRANCH, Monica; QUEIROZ, Tereza. **Da casa à praça**: um estudo da revitalização de praças em João Pessoa. Belo Horizonte: Argumentvm, 2010.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. Cadernos de Antropologia e Imagem. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n.2, p. 161- 185, jul./set.1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/HorizontesAntropologicos/article/view/3523>> Acesso em: 10 dez.2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1997.198p.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 10.ed. São Paulo: Vozes, 1997.

MONTEIRO, Charles. **Construindo a história da cidade através de imagens**. In: PESAVENTO; SANTOS; ROSSINI (Orgs.). 2008.

ORLANDI, Eni P. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.159p.

_____. (Org.). **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes: LabeURB: UNICAMP, 2003. 224p.

_____. **Análise de discurso**. Campinas: Pontes, 2001.100p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádya Maria Weber; ROSSINI, Mirian de Souza. **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em história cultural. Porto Alegre: Aterisco, 2008.

Sobre o livro

Projeto gráfico/capa Erick Ferreira Cabral

Fotos da capa Pesquisa de campo, PIBIC

Mancha Gráfica 10,5 x 16,7 cm

Tipologias utilizadas Adobe Garamond Pro 11/13,2 pt

A presente obra visa socializar Resultados de Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/ CNPq/ UEPB) que teve por objetivos, primeiro, analisar como o Calçadão se constitui em espaço público e, segundo, perceber de que maneira o uso deste espaço explica as transformações recentes do centro de Campina Grande. Nesse sentido, a referida proposta de pesquisa problematizou os contrausos (CERTEAU, 1994; 1996) existentes no Calçadão, onde a presença de determinados usuários e praticantes põe sob questionamento um conflito de uso neste território. A obra busca pensar o Calçadão enquanto território que remodela (espacial e discursivamente) a dimensão pública de Campina Grande e seu impacto na rua propriamente dita. Deste modo analisa as relações que se tecem neste espaço de resistências, histórias, movimentos e errâncias que terminam por alterar percepções sobre o espaço público em Campina Grande. Por essa perspectiva as análises aqui realizadas têm por finalidade observar os contrausos e atividades desenvolvidas no Calçadão da Cardoso Vieira, de modo a entender como se estabelecem as relações socio-espaciais entre comerciantes, ambulantes e transeuntes. Para tanto é relevante perceber as distintas formas de ocupação do Calçadão, com ênfase aos principais usos e termos envolvidos no espaço público de Campina Grande. Incorporado na cidade e ao cotidiano de seus habitantes, como elemento imprescindível à vivência do espaço público e diversões de populares, o território do Calçadão da Cardoso Vieira transgride pela informalidade, ilegalismos e contrausos, suas finalidades reservadas oficialmente, diferentes itinerâncias e modos de vida na cidade e, portanto, de relevante contribuição à análise sociológica dada a diversidade de práticas que caracterizam o cotidiano deste logradouro como seu principal espaço público.